

PQ 9697

.F3835 R79



INDIANA
UNIVERSITY
LIBRARY



22/1/70
sb

ROSAS LOUCAS

ROSAS LOUCAS

—
POESIAS

DE

CARLOS FERREIRA

M. E. M. P.



S. PAULO

TYPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO»

DE J. R. DE A. MARQUES

27 — RUA DA IMPERATRIZ — 27

1871

PQ 9697
.F3835R79

INDIANA UNIVERSITY LIBRARY

8-28-70

A' MINHA IRMÃ

M. J. F.

Homenagem de respeito e amor fraternal
á virtude e á dedicação.

AS ROSAS LOUCAS são umas pobres flores que vicejam á margem das estradas agrestes, como umas creanças abandonadas em cuja fronto doentia o destino entornou o sombrio poema das tristezas que matam.

Ha nessas timidas rosas o toque suavemente monotono de uma melancolia contagiosa.

Quando o viajor passa e lança-lhes um olhar, sente que a bafagem das sombras enturba-lhe o céu azul das alegrias frivolas ... Tal é o mysterioso condão dessas rosas.

Eu tenho-as visto muitas vezes banhadas de pranto e com a fronte curvada para o chão, como espreitando medrosas o frio tumulto que hade recebê-las tão cédo.

E' singela e rapida a historia dellas como o leve sonho da aspiração que acalentam em si...

Nascem com os primeiros raios da aurora, morrem aos primeiros beijos frios da noite: eis-ahi a historia toda, os dois cantos quase que simultaneos do poema da vida inteira das minhas modestas flores.

A brisa do alvorecer que lhes embala o berço de sarças parece entoar em derredor das miserias a magoada canção do abandono, e é por isto que as borboletas passam e nem se dignam, por deferencia, cortejar as inoffensivas rosas.

Chamam-n'as loucas os alegres convivas dos festins da vida, talvez porque não ha nellas o acre perfume das volupias que embriagam.

Loucas sim! mas loucas de aspiração, de luz, de vida e de amor!

Ah! é bem triste por certo a sombria fama da loucura!

Deixae pois entre as névoas do êrmo as debeis flores a quem o mundo nega a razão....

São loucas, mas inoffensivas; selvagens, mas mysteriosas... Mysterios de um destino que o genio merencorio da noite sabe e não revela a ninguem.

Rosas que abris o seio ao beijo humido da manhã, que abateis a frente ás febres do meio dia e morreis ao contacto dos labios da noite, ao menos no destino são esses meus versos que por ahí vão, vossos irmãos.

Amanhã ninguem saberá nem de vós nem delles. De ambos não restará no pó da estrada nem um só vestigio !

Então, minh'alma adejando pelos lugares em que vos vio passar chorará talvez... porque a minh'alma ao inverso do vosso destino, ó flores, tem o da immortalidade...

Se penso assim, se tenho no coração esta crença é porque ha duas cousas nesta vida, dois sublimes mysterios que m'a ensinam : as rosas loucas na terra e as estrellas no céu.

CARLOS FERREIRA.

S. Paulo, 28 de Novembro
de 1870.

Esta voz é minh'alma que se espraia,
E' minha alma que geme, e que murmura
Como um organo no templo solitario;
Minha alma que o infinito só procura.
.....

DR. MAGALHÃES

—
Ah ! ce qu'aux anges j'envie
N'est pas l'éternelle vie,
Ni leur glorieux destin,
C'est la lyre ! c'est l'organe
Par qui même un cœur profane
Peut chanter l'hymne sans fin.

LAMARTINE

1.^a PARTE

ROSAS LOUCAS

O' rosas loucas que o verão bafeja,
—Odaliscas gentis dos sonhos grandes!
Deixae que eu passe junto a vós cantando
—Ave saudosa que rolou dos Andes! —

Sou moço e sonhador. Minh'alma triste
Sente o espinho cruel do amor mundano;
E no entanto em meu peito as crenças brincam
—Garças brancas perdidas no oceano! —

Minha lyra febril soluça e goza.
Amo Deus, a mulher e a liberdade,
Os raios do luar bebem-me as lagrimas,
E eu bebo a luz do sol da immensidade!

Alvoradas gentis da minha terra
Cujo pranto de amor banha-me a fronte,
Rasgae as sombras deste céu da patria,
Suspendei as cortinas do horizonte ;

Mostrae-me a luz das glorias peregrinas,
Os louros do porvir da mocidade...
Sou moço e sonhador, minh'alma é grande,
Amo Deus, a mulher e a liberdade !

E tu, visão sublime dos meus sonhos,
—Chispa de luz de peregrino astro—
Deixa que eu beba n'um só beijo a gloria
Sobre o teu liso collo de alabastro !...

Ardente inspiração das fronteas jovens
Vem sonora embalar meu peito afflicto...
Eu quero—ave de amor—soltar meus cantos
Pelos doirados mundos do infinito !...

Rosas loucas do êrmo ! eu vos adoro
Doces filhas da lucida chiméra !
Oh ! deixae-me cantar ! Dentro em minh'alma
Brinca um raio do sol da primavera !...

S. Paulo. 1860.

CANTO DE AMOR

Doce musa do amor e dos perfumes,
Anjo alegre da luz das alvoradas,
Musa das flôres, vem !
Enxuga-me o suor das febres longas,
Reclina-te a sorrir sobre o meu peito
Que eu quero amar tambem !

Meu Deus ! eu sinto agora em meus cabellos
Das virações do bosque os dedos céleres
Perfumados passar...
Como o sol do verão do mar saltando,
Dentro em meu peito juvenil... ardente
Sinto a vida saltar !

Já da rubra crysálida do oriente
Rompeu a aurora festival, brilhante
—Borboleta gentil...—
E os doirados insectos junto aos lagos
Se agrupam para vêr no espelho immovel
Um céu que é todo anil!

Como o passaro azul das tempestades
Sobre as rêdes do mar beijando ás nuvens
Ao sopro do tufão,
Minh'alma entregue aos vendavaes dos sonhos,
Açoitando os corseis das ondas bravas
Se arroja n'amplidão !..

—

Doce filha do amor febril e immenso
Do meu loiro ideal ! Estrella d'alva,
O' minha amante, vem !
—Como o sol que da flôr bebe os perfumes,
Dos teus labios gentis os beijos loucos
Eu beberei também !..

Eu tenho um coração ardente e puro...
Sonho talvez com as palmas do talento
E as glórias do porvir...
O' meu doce ideal, pallida virgem,
Eu sei chorar se esses teus olhos choram,
Se ris... eu sei sorrir !..

Eu amo a aurora, o bosque, a flôr, a brisa,
E as cantigas de amor dos sertanejos
E as noites de verão...

E o derradeiro adeus do sol que treme
Quando ao beijo da febre em fronte pallidas
Palpita a aspiração !...

Amo os soluços lugubres do vento
A' noite, no deserto, e a queixa immensa
Do cedro a farfalhar...
Amo as névoas subtis por noites tépidas
—Peregrinas de amor—como eu perdidas
Em morbido scismar !

Amo o canto final de ave saudosa
Entre as espêssas brenhas da floresta
Chorando ao pôr do sol,
E as vozes ternas do gemer das auras
Nas horas tristes, ao roçar dos mares
No tremulo lençol !

Eu amo o som das cantilenas doces
Que os romeiros do mar em noites calmas
Suspiram ao luar ;
Chóro—se o canto me recorda mágoas,
Góso—se o canto me murmura idyllos,
E sei tambem cantar !

Doce filha dos sonhos vaporosos
Do meu róseo ideal ! Estrella d'alva,
O' minha amante, vem !
Como o sol que na flôr doudeja e morre,
Dos teus labios gentis bebendo os beijos
Eu morrerei tambem !...

Agosto—1865.

NO TEMPLO

Vi-te uma vez... Teu rosto era tão pallido,
Tão triste o teu olhar... Lembras-te, ó linda?
Teu roupão era azul — da côr da gase
Das cortinas do céu... lembro-me ainda !...

Era na igreja... O padre murmurava
A prece costumada, e teus olhares
Como um raio de sol — doiravam trémulos
O puro e branco adorno dos altares.—

Lembras-te ? ao grave soluçar do orgam
Rolou por tuas palpebras o pranto
Como róla do orvalho a gota tumida,
Bella e subtil, ras folhas do amarantho.

Em que scismavas, anjo ? Porque triste
Baixaste a fronte qual pendido astro ?
Porque ficaste, ao som triste do orgam,
Pallida e fria—estatua de alabastro ?

Talvez teu pensamento envólto fosse,
Nos espiraes do incenso que subia,
Perfumar as alfombras azuladas
Daquelle Deus que a tua prece ouvia !

Talvez... E a minha ideia inquieta, ousada
Foi seguindo o teu rastro no infinito
Como ao passar da flôr segue o perfume,
E após a brisa o soluçar d'um grito !

De que céu côr de rosa resvalaste ?
Quaes foram teus reconditos desejos ?
Dize, ó anjo ! caiste ? eu quero erguer-te
Nas incendidas azas dos meus beijos !

Quaes serão teus anhelos ? Quantas vezes
Terás pedido á ondulação do vento
Um diamante do céu chamado estrella,
Um pedaço do azul do firmamento ?

Amas a lua ? O sol ? as forasteiras
Brisas do mar ? das flôres os refolhos ?
Amas a luz dos meteóros rapidos
Menos forte que a luz desses teus olhos ?

Falla ! dize que est·ella te enamora !
Eu serei o rival da estrella tua...
Irei roubar, para adornar-te a fronte,
Flôres de luz lá dos jardins da lua !...

Onde estás ? Talvez pallida fitando
O espaço... o oceano... as ondas sobre a areia. .
Indagando do mar porque é que geme
E gemendo também—fugaz sereia !...

Tu predizes os dias do futuro...
Rompes as trevas de fataes mysterios,
E dedilhas a lyra dos prophetas
A' sombra funeral dos cemiterios.

Pobre *Consuelo* ! archanjo d'azas brancas!
Que vês ao longe ! além ? dize, responde !...
Em que seio de flôr o sol se occulta ?
Onde é que existe Deus... aonde, aonde ?

Falla, que os ventos do sertão desatam
Sentida estrophe... O mar doido, offegante
Responde ao teu gemer... Talvez que sejas
Do mar sem termo a vaporosa amante !

Oh ! porque te vi eu ? Eras tão pallida,
Pobre creança ! Quem pudera ao menos
Nas horas solitarias das tristezas
Escutar os teus canticos serenos...

Hoje, quando no templo abandonado
Peço ás luzes do altar novas de ti,
Quando ao orgam pergunto onde é q' existes
Elle diz-me a chorar—«não sei... não vi !...»

S. Paulo. 1869.

QUINZE ANNOS!

Vive a flôr sómente um dia...
—Larva subtil da poesia
Sóbe ao céu d'onde desceu;
Mas a ti, rosa d'encanto,
Que poder pasmoso e santo
Mais privilegio cedeu ?

Quinze annos ! Pois eu juro
Que o teu brilho ardente e puro
Faz morrer d'inveja a flôr...
Tu tens, princesa dilecta,
Em Deus—o amante e o poeta,
No sol—os beijos do amor!..—

Se eu pudesse—ardente e louco—
Ir morrendo a pouco e pouco
Dando-te affectos a flux...
E do céo das noites bellas
Arrebatas as estrellas
P'ra o teu diadema de luz...

Olha, flôr, eu fallo sério :
Prevejo tanto mysterio,
Nesse afan do peito teu,
Que hasde inda um dia orgulhosa
Tocar co'a fronte radiosa
Na fronte immensa do céo !—

Deus permitta que eu lá chegue
E que—humilde escravo—allegue
A gloria de te adorar...
Servirei p'ra isso ao menos...
—Entenderei teus acênos,
Traduzirei teu olhar !—

Oh ! não sorrias, creança ;
Minh'alma embala a esperanza
De um sonho doido talvez...
Sabes quaes são meus desejos ?
E' suffocar-te de beijos,
Depois... morrer a teus pés !—

Flôr das quinze primaveras,
Quanto eu amo estas chimeras
Que vivo sempre a ideal !..
Que sonhos d'oiro tão bellos...
—Viver preso em teus cabellos,
Beber luz em teu olhar...—

Deixa, ó anjo, o teu perfume
Da aurora ao fulgente lume
Bafejar meu coração...
Vês, querida? Eu já nem fallo...
Tu és rainha, eu—vassallo,
Eis-me de joelhos no chão!..

Do oceano de teu peito
Foge em suspiros desfeito
De amor bemdito escarcéo...
Creança pallida e louca
Pulam-te os beijos na boca
Como as estrellas no céu!...

Oh! deixa! eu quero queimar-me!
Quero nas chammas lançar-me
De teus labios no crysol...
No delirio dos desejos
Engulirei os teus beijos
Como o mar engole o sol!

Quinze annos! Mas eu creio
Que tu tens ahí no seio
Algun occulto vulcão!...
Vem, sultana predilecta,
Soprar na frente do poeta
As febres da inspiração!...

.... 1865.

NA ESTRADA

.....

E eu dice á turba que passava rindo :
—Minh'alma geme de saudade e dôr...
E a turba alegre a perpassar nem via
Na estrada, ao longe, o juvenil cantor !

E eu dice então ás primaveras doces :
—Sonhos ! meus sonhos de azulada côr !
E as primaveras a sorrir deixaram
Gemer na estrada o juvenil cantor !...

E eu dice ao sol que despontava altivo :
—Oh ! dá-me um raio de vital calor !
E o sol avaro caminhou, deixando
Morrer na estrada o juvenil cantor !

Mas *tu* passaste... Eu me prostrei pedindo
A crença, a vida, aspiração... fulgor !...
E erguendo os olhos para o céu, diceste :
—«Bem haja, ó Christo, o juvenil cantor !...»

E eu dice então, ajoelhando crente :
—Salvè, divina inspiração do amor !
Meu Deus, eu sei que me escutaste as preces
Seja bemdito o teu poder, Senhor !...

S. Paulo. 1870.

CAPRICHOS

Porque te assustas, se appareço ás vezes
Quando inda acaso em desalinho estás ?
Se a indiferença te mereço apenas
Por certo eu vêr-te nenhum mal te faz...
Se não me adorás, porque assim que vês-me
Tão pressurosa ao toucador te váes ?
—Oh borboleta de doiradas azas,
Raio perdido do arrebol fulgente,
Eu sei que sonhas os effluvios doces
Dos doidos beijos deste amor ardente !

Porque é que tardas quando estou na sala
E depois surges a expandir fulgor?
Porque tu tremes ao tocar-me a dextra
Se tens já dito que não tens-me amor?
Porque é que córas se me calo a olhar-te
E se te fallo váes perdendo a côr?
—Oh borboleta de doiradas azas,
Que fundas dôres a tu'alma sente?
Porque não rompes os mysterios funilos
Dos doidos beijos deste amor ardente?

Porque, se vês-me conversando alegre
Finges marmórea outro objecto olhar?
E se eu ás vezes te dirijo a phrase
Porque te deixas descuidada estar?
Porque me pedes a desculpa frivola,
Porque murmuras—«não o ouvi fallar»?
—Oh borboleta de doiradas azas,
A noite é fria, mas meu peito é quente
Vem envolver-te nestas chammas densas
Dos doidos beijos deste amor ardente.

Se tu não me amas, porque tremes toda
Se eu digo a olhar-te—«vou-me embora já?»
Porque perguntas com forçada calma
—«Já váe? Meu Deus! e não virá mais cá?»
Porque me estendes tua mão tremente
E tão gelada como nunca está?
—Oh borboleta de doiradas azas,
Temes acaso o murmurar da gente?
Causa-te mêdo este aspirar sem termo
Dos doidos beijos deste amor ardente?

Porque, se eu saio, tu te vâes depressa
Para a janella, por me vêr sair,
E não a deixas um instante apenas
Sem que me vejas por além sumir ?
Porque, se sabes que eu não vou ao baile
Tambem ao baile tu não queres ir ?
—Oh borboleta de doiradas azas,
Vem apagar-me este vulcão da mente...
Causam-te horror as labaredas grandes
Dos doidos beijos deste amor ardente ?

Porque no baile se pergunto tímido
—«Tem par ? Não dança ? não me queres então ?»
Tu me respondes com desdem gelado
—«Pois vem fallar-me ? Foi trabalho em vão...»
Porque depois de me dizeres isto
Dizes a todos—«eu não danso, não ! ?»
—Oh borboleta de doiradas azas
Ouves o som da viração tremente ?
São os soluços que meu peito exala,
Dos doidos beijos deste amor ardente !

Porque, se vês-me a passear na sala,
Sorrindo a um anjo de ideal primor,
Lançam teus olhos mil raivosos raios,
Mordes os labios com fatal ardor ?
Quem não adora não conhece o ciúme...
A ti que importa o meu affan de amor ?
—Oh borboleta de doiradas azas,
Das flôres rubras do radioso oriente,
Porque não foges de pavor, se temes
Os doidos beijos deste amor ardente ?

No mar das brizas os perfumes voam...
O céu é vasto... a aspiração sem fim...
Basta, já basta de caprichos tantos,
Ai, não prossigas a zombar de mim ;
Deixa, querida, esse fatal capricho...
Fingir não póde quem se tráe assim...
—Oh borboleta de doiradas azas,
Ao longe o sol já resvalou dormente...
A noite é fria... vem dormir nas chammas
Dos doidos beijos deste amor ardente !...

S. Paulo.

CIUME

Eu tive hontem á noite o inferno n'alma !
—Era o ciume voraz com seus lampejos :
—Vi-te—creança a desfolhar grinaldas,
Vi-te—mulher a provocar desejos !...

Ia animado o baile. O som da orchestra
Na insania do prazer te arrebatára.
Eu vagava febril por entre a turba
—Caminheiro perdido no Sahára—

Teu cavalleiro no fervor das walsas
De teus olhos sorvia o doido lume...
Viste-me então sorrir ? Meu Deus, como era
Sinistro e negro esse sorrir do ciume !

Mas a noite acabou. O sol de agosto
Salta do leito azul vasto e profundo...
O infinito tem voz, a voz tem nectar,
No delirio do amor naufraga o mundo !

Vamos ao bosque murmurar idyllios...
Vamos saudar o sol e as andorinhas...
Que importa a febre de passados gozos
Se és a estrella polar das creanças minhas ?

Vamos... Tu és do céu e eu canto e soffro.
Porque perdeste os teus clarões celestes ?
A noite foi de febre e tu és louca
Vestal ! queimaste as tuas brancas véstes !..

A aragem da manhã lavou-te a fronte
Dos traços do sonhar das horas cálidas...
O arvoredo se inclina ao vêr-te, ó bella,
E as estrellas no céu desmaiam pallidas !

Eu tive hontem no baile o inferno n'alma :
Era o ciume voraz com seus lampejos...
Vi-te,—creança a desfolhar grinaldas,
Vi-te —mulher a desmaiar em beijos !..

Das lorangeiras os pendidos ramos
De flôres alvas teu caminho envolvem...
Da fonte os threnos, da floresta os cantos,
Oh ! tudo e todos para ti se volvem !...

Vamos, o sol te espera, ó musa pallida,
Astro tombado das ceruleas naves !...
Após teus passos os perfumes seguem,
Após teus passos vão cantando as aves !...

Vês ? O bosque desperta ! O sol apaga
De teu rosto o pallor no ardente lume...
Vês ?—eu choro, mulher, mas é de raiva,
Ai, se eu choro, mulher, é de ciume !...

Vamos, constante que o teu peito debil
Os segredos do amor febril não conte...
A rosa da manhã perfuma a brisa,
E a brisa da manhã lavou-te a fronte !...

S. Paulo. 1870.

SAUDADE

Pequenina era a casa, humilde sim, mas bella :
Tinha uma porta só, sómente uma janella.
Era lá... muito ao longe, além de um sêro inculto,
—Alvo ninho de amor em laranjaes occulto.—
Nas tardes festivaes do doce mez de outubro,
Quando o sol desmaiava em leito ardente e rubro,
Nos vidros da janella, em fulgidas cambiantes,
Escrevia talvez endechas palpitantes !...
E em torno á casa—o bosque, a sombra das palmeiras,
Suspiros do sabiá, a flôr das lorangeiras...
O languido cantar do vento do sertão
Ao doce esmorecer das tardes de verão...
—Era o édem do amor, guarida predilecta
De triplice alliança—a mãe, a filha, a neta.—

A neta—anho de Deus, creança alegre e bella
 Não tinha pae nem mãe, só tinha a avó por ella
 E a tia que era moça, e pallida e sublime
 —Singela como um anjo, e debil como um vime.
 Oh! que saudade amarga! Eu tenho inda na mente
 Os dias que passei ali tão docemente!...
 Inda me lembro, ó Deus, dos brados que soltavam
 Quando alegres na estrada ao longe me avistavam.
 Co'as mãosinhas a neta afflicta me acenava,
 A avó dizia—é elle! e a moça suspirava!...

.

Pequenina era a casa, humilde sim, mas bella...
 Se eu vê-la inda pudesse e a pallida donzella. .
 Se eu pudesse fallar-lhe ainda dos meus sonhos
 E ouvir o doce som dos labios seus risonhos...
 Eu diria talvez á sua mãe querida:
 —O' minha boa mãe! torna-me alegre a vida,
 E' doce a primavera... o sol tem tanto brilho...
 Senhora, *ella* me ama... eu quero ser teu filho!

O' doce primavera, est'alma allivio pede...
 Chega-me a esponja ao labio... eu sinto febre e sêde!...

Um dia, era em dezembro, o sol rubro e cansado
 Qual ferido leão, rolava ensanguentado
 Sobre o leito do mar... Tranquilla era a campina...
 Soava a hora do amor, a hora vespertina:
 O bosque era soturno; apenas em cardumes
 —Levitas do silencio—os tristes vagalúmes
 Balouçando no espaço os seus pharóes azues
 Circumdavam de fogo as aguas dos paues.
 E eu a vi suspirar... a dôr me suffocava...
 Ella apontou-me o céo, mas ai! já não chorava.

E eu disse-lhe a tromer o adeus da despedida
 —Ao anjo do meu amor, ao sol da minha vida !
 Naquelle seu olhar sereno e resignado
 —Oceano de um pesar immenso... suffocado—
 Parecia, meu Deus, ao seu algoz dizer :
 —Porque me váe deixar? Não vê que vou morrer?—
 E ao doce respirar do ambiente das florestas,
 Bem como a flôr que cáe ao sol das quentes séstas,
 Ao brando murmurar das harpas do arvoredó
 Tal cahio de seu peito o magico segredo ! .

Pequenina era a casa, humilde sim, mas bella...
 Talvez que agora mesmo a pallida donzella,
 Colhendo no jardim a triste flôr do goivo
 Lance ao longe um olhar pensando no seu noivo,
 E diga ao vêr voltar o sol e as andorinhas,
 «Só elle não vem dar alento ás creanças minhas !»

E alta noite, meu Deus, em quauto treda dorme
 Nos braços da volupia uma cidade enorme,
 Velam tres anjos só nas trévas do abandono
 Trocando por labor a placidez do somno.
 A mãe—anjo do lar—cabeça veneranda
 Contempla a orphanzinha—a neta miseranda
 E enxuga o lento pranto. A filha—anjo bemdito—
 Fita da noite o céu—eterno poema escripto
 Co'a fulgurante luz que o olhar de Deus derrama
 E d'onde salta a estrophe ao palpitar da flamma !

Depois... á triste luz de alampada singela
 A mãe cóse ao serão, a filha lê Grasiella
 E a creança—anjo loiro—afflicta por brincar
 Canta p'ra não dormir e aprende a soletrar.

Oh ! minha boa Amelia ! E eu pude abandonal-a !
Traz-me, ó som da tarde, a sua doce falla !

Deixei-a triste e só—eu martyr de pesares—
E ouvi ainda os seus ais nas amplidões dos mares
Quando ella sob o gladio do archanjo do destino
Desgrehada rolou aos pés do Sér divino !...

Hoje saudoso aqui, na noite atrás do êrmo
—Orpham triste de amor, saudoso, afflicto, enfermo—
A's queixas funeraes do vento que rebrama
Respondo a soluçar—é ella que me chama !...

.

O' brisas festivaes dos dias meus tão bellos,
Ai, beijastes talvez seus labios... seus cabellos..
Vistes do anjo da dôr, da moça entristecida
Correr na branca face a lagrima sentida ?
Teu grito traz-me, ó brisa, o som pungente, immenso
Do seu ultimo ai, do seu soffrer intenso ?
Ella inda olha muito p'ra estrada verdejante
A vêr se além descobre o seu querido amante ?...
Mas ai ! a brisa chorã... a solidão me espanta.
Negro phantasma—a sombra — horrivel se alevanta !
Oh Christo ! eu abençoção esta agonia lenta !
Banha-me frio suor a fronte macilenta...
Minh'alma—orpham de amor, em tetrica anciedade
Diz adeus ao passado, e adora-te, e saudade !...

S. Paulo—1869.

SUPPLICA

Oh ! deixa-me viver ! Eu posso ainda
Saudar a luz do sol dos dias bellos,
E meus labios banhar no effluvio doce
Das madeixas gentis dos teus cabellos !

Nas sombrias ruinas de meu peito
Soluça o furacão da desventura...
A luz me abandonou... perdido e pavido
Reclinei-me na treva immensa, escura !

Procusto—eu tenho um leito de supplicios ;
Tantalo—embalde um lenitivo imploro...
Morro como Manfredo, a vida esvae-se
Em cada uma das lagrimas que chore !

Icaro errante eu me arrojéi no espaço...
O sol dos sonhos derreteu-me as azas...
Quanta esperança a desmaiar no êrmo,
Quanto loiro crestado em chão de brazas !

E ha tanto amor a me bater no peito !
Tanta loucura no adejar de anhelos !
Vivo só... tenho medo... ai, deixa ao menos
Meus labios mergulhar nos teus cabellos !

Eu vou perdendo a inspiração e os risos...
E os sarcasmos da sombra me atormentam.
Meu Deus, quando na terra as flôres brilham
As estrellas do amor porque se ausentam ?

Pallidas sombras dos meus dias claros
Voáe, voáe em torno a mim saudosas !
A minh'alma é um jardim abandonado,
A raiva do *simoun* passou nas rosas.

Senhora, a minha fronte é triste, ha n'ella
Da dôr que mata os roxeados sêllos.
Eu digo adeus, como Aldo, ao sol da vida
Sem ao menos beijar os teus cabellos !...

Desperta a primavera em leito esplendido...
Nos mysterios do bosque ha tanto enleio...
Oh ! porque não heide eu morrer beijando
As castas rosas de teu niveo seio ?

Perdão... perdão! Eu profanei outr'ora
As grinaldas azues do meu futuro...
Perdão, senhora, eu fluctuei no abysmo,
Perdão, meu anjo, eu despertei mais puro!

Fui um louco: pequei. Perdi meu norte.
Quebrei das crenças os doirados élos...
Tenho culpas, bem sei... Oh! prende o louco
Nas cadeias gentis dos teus cabellos!...

Na taça rubra de teus labios puros
Deixa eu beber o amor, a vida, a esp'rança...
Queres que eu viva? eu viverei, meu anjo;
Queres que eu morra? eu morrerrei, creança!

Falla, que eu sonho em tua voz meus louros;
Falla! teu labio a minha sêde acalma!
Queres? eu posso te cercar de glorias...
Queres? eu tenho um infinito n'alma!...

S. Paulo. 1870.

HARPEJOS

Sonhei-te—travêssa, gentil borboleta
Das flôres cheirosas de rubra manhã :
—Com olhos fulgentes, travêssos e bellos,
—Dois astros de anhelos—,
E a pallida fronte sem côr de romã.

Nas ondas de luzes que deitam teus olhos
Raivosos os anjos naufragam talvez ;
E o sol invejoso, prostrado na lucta,
Saudando-te, ó bella, desmaia a teus pés !

Se alguém te contempla, nas horas tranquillas,
Brilhando envolvida n'um pallido véo,
Lá fica jurando, n'um extase santo,
—Que és fada d'encanto,
Que és nitida estrella tombada do céu !—

Nas noites brilhantes se acaso passeias
Na arêna do parque, da lua ao fulgor,
As flôres se curvam beijando os teus passos,
—Despotico archanjo do imperio do amor !

Meu Deus ! as estrellas scintillam errantes
Bebendo as volupias do olente jasmim,
Mas ella, se eu soffro, se em funda agonia
Lhe faço poesia,
Se eu ólho p'ra ella... nem ólha p'ra mim !

A's vezes encontro-a risonha nas salas
E então me aproximo—mendigo de amor—
Mas ai, que ao ouvir-me palavras medrosas
Da raiva percebo-lhe o vivo calor.

Se acaso lhe digo com voz de vassallo,
«—Anima-te, estatua ! não sejas tão fria ! »
Ai ! ella, em resposta dos labios desata,
N'um gesto que mata,
—Raivosas torrentes d'infinda ironia !

Então se me encara soberba, orgulhosa,
Soltando as faiscas dos raios do olhar,
Das faces divinas dois fôgos rebentam,
Retraem-se os labios, desata a chorar !...

E ás flôres doiradas que esmaltam a relva
Contando os martyrios do meu coração,
Das cordas da lyra, com voz dolorida,
Em nota sentida,
Assim principio saudosa canção :

Meu Deus ! se eu pudesse, risonho, ditoso
A' ingrata curvar-me, dizer-lhe—aquí 'stou ..
Cair-lhe nos braços convulso, perdido,
Pedir-lhe caricias que a tantos negou...

Se eu doído pudesse dos labios beber-lhe
Mil beijos de fogo—morrendo a gozar,
Qual nuvem que bebe com ávida sêde
Os beijos das ondas nos seios do mar...

Senhor eu seria das negras madeixas,
Dos ternos suspiros, da pallida côr,
Dos labios travêssos, dos olhos tão bellos,
Dos doces desvelos,
Das ancias da amante—morrendo de amor !...

Novembro. 1864.

THRENO

Ouviste o suspirar das virações saudosas
Na floresta passar vertiginoso e louco ?
E ao longe na extensão das praias arenosas
Ouviste o mar gemer n'um ai sentido e rouco ?
—Assim sou eu, ó bella, aqui neste retiro
Quando por ti suspiro !

Já viste em noite triste a lua vir saudosa
Sobre isolada campa o pranto derramar ?
Depois, tranquilla e só, sumir-se pesarosa
Soltando ás virações seu ultimo pesar ?
Pois assim sobre a terra eu ando em mágoa infinda
Em ti pensando, ó linda !

Já viste ao pôr do sol nas rêds da espessura
Gemer a jurity de amor o canto extremo,
E ouviste o som que exala a tarde que murmura
Como de agonisante o grito atroz... supremo?
Assim deste meu peito o acerbo, immenso grito
Por ti desmaia afflicto !...

Já viste o môcho negro em noite nebulosa
Sobre funérea lousa entoar a nenia triste,
Quando a brisa espalhando a nenia lacrimosa
Diz saudade sem fim por quem já não existe ?
Pois assim tambem é, em lugubres martyrios,
O som dos meus delirios.

Da matta secular no mais escuro canto
Da rôla a soluçar ouviste um dia o threno,
Quando a folha que cõe recorda um sonho, em quanto
Suspira do regato um cantico sereno ?...
Assim vivo eu, creança, em ancia que consome
Chamando por teu nome !...

Se acaso junto ao esposo a rôla morre um dia
Não sabes quanta angustia o misero revela ?
Já viste-o procurar a selva a mais sombria,
Chamar saudoso a esposa até morrer por ella ?
Assim chamo eu por ti... tambem da mesma sorte
Saudoso espero a morte !...

S. Paulo. 1867.

SONHADORA

Como estás hoje triste ! Acho-te pallida
Como nunca, ó meu anjo, assim te achei !
Que febre insana te requeira os labios ?
Porque choraste, meu amor ?

—Não sei.

Oh ! dize, falla ! Que tormento acerbo
Váe lentamente te roubando o ardor ?
Não são bastantes meus affectos todos...
Morres, querida, de pesar ?

—De amor.

Que ideia negra te passou na mente,
Que canto afflicto murmuraste em vão ?
Saudosa acaso te inclinaste languida
Após a quéda de um desejo ?
—Não.

Queimam-te a fronte aspirações sem termo ?
Corres em busca das visões que vês ?
Sonhas talvez as festivaes caricias
Do ardente sol das illusões ?
—Talvez.

Mas ai ! não vês o meu soffrer immenso ?
Pallida virgem tu não crês em mim ?
Queres que eu fuja p'ra bem longe ? Falla...
Queres ? responde... eu fugirei...
—Pois sim...

Louca ! Não sabes que o sonhar é um crime !...
Oh ! quem pudéra o teu pesar saber...
Que anjo enluctado te acenou nos sonhos,
Sombra fatal, que queres tu ?
—Morrer !...

S. Paulo. 1869.

LAGRIMAS ? |

Porque suspiras, creança,
Porque soffres, meu amor ?
Quaes são teus fundos pesares,
Porque te entregas á dôr ?
Virgem de pallido rosto,
Rasga esse véo do desgosto
Vem sentar-te junto a mim...
Vem, querida, não demores,
Porque choras ? Ai, não chores
Que eu não posso vêr-te assim.

Vês, meu anjo, — a tarde rubra
Como embalsama este ar ?
Que céu azul ! Quem me dera
Que eu não te visse a chorar...
Nos lagos claros, dormentes
Banham-se as aves contentes
Erguendo hosannas ao sol,
E a brisa em terno segredo
Traz ás folhas do arvoredor
Perdidos ais do arrebol !

E a vida agora é tão doce,
E eu só quizeria sorrir,
Mas como, se a minha estrella
Não quer alegre fulgir ?
Do lago o espelho luzente
Toma as côres do oriente
Retrata o bosque também...
Só teu peito—espelho lizo
Das garças do paraizo
A minha imagem não tem !

Vês, ó bella, os pecegueiros
Como se cobrem de flôres,
E as aves meigas, vaidosas
Como desmaiam de amores ?
Oscillam as magnolias
Ao som das canções eólias,
Aos carmes do sabiá...
Cáe do sol a ardente juba
Nas cômas da *timbaúba*,
Nas folhas do manaká !...

Tudo isto um dia se acaba...
Murcha a flôr que vês ali,
Sem viço o bosque desaba
Cáe sem vida a juryty.
Céssa o queixume do arroio
Onde exaurido o tamoio
Suspirou na solidão...
Só da tarde a brisa hade
Desatar de atrás saudade
Funérea, eterna canção.

Não creias que estes harpejos
Que um Deus supremo me deu,
Vão saudar flôres malditas
E te olvidem, flôr do céu!
E's tu só que me governas,
E's tu que com phrases ternas
Me curvas, anjo, só tu !...
Volve a mim teus olhos magos
Mais transparentes que os lagos,
Mais pretos que o *guabijú* !...

Deixa os ciumes, creança,
Vivamos para sonhar...
Tanta flôr, tanto perfume
Saibamos crentês gosar !
Serás do bosque a princesa,
E eu humilde, sem tristeza,
Teu vassallo só serei.
—Fallarei se tu fallares,
Brincarei se tu brincares,
Se morreres .. morrerei !...

Setembro. 1866.

LEMBRAS-TE ?

Uma noite eu te vi pallida e triste...
Doce recordação !... Faz hoje um anno !
Os teus dedos febris corriam loucos
No teclado gentil do teu piano !...

Nós estávamos sós naquella sala...
Ambos nós delirando em doce engano !...
Era noite feliz de primavera...
Suspirava de amor o teu piano.

Eu perdi-me a sonhar sobre os teus labios
Como um passaro errante no oceano,
E á voz dolente da nocturna aragem
Respondia o gemer do teu piano.

Quantas vezes beijei-te as tranças negras
Na febre ardente de um desejo insano...
Quantos suspiros misturamos juntos
Ao subtil soluçar do teu piano !...

E as estrellas gentis jorravam luzes
Do manto azul no avelludado panno,
E a flôr da noite desatava os seios
Por ouvir suspirar o teu piano !

O' brisa dos vergeis ! lembrás-te, ó brisa
Da noite em que eu a vi ? Faz hoje um anno...
Era assim como o teu—profundo e triste
O saudoso gemer do seu piano !...

S. Paulo. 1867.

ENTRE VÉOS

O' anjo do Senhor! Tranquillo agora
E' tudo em torno a nós! Ninguem aqui!
Que perfume de amor tem esta alcova!
Quem foi, quem foi que a preparou p'ra ti?...
Mas ella—a ingrata, entre as cambraias alvas
—Crispado o labio em divinal sorrir—
Disse, fechando docemente os olhos,
—Se eu pudesse dormir...

Meu Deus! Como és tão pallida no leito!
Como são rubros os teus labios bellos!...
Quanto mysterio a te pular no peito...
Que annelados que são os teus cabellos!
Se eu pudesse, mulher, junto a teu collo
Ouvir teus sonhos, suspirar... sentir...
Mas ella apenas murmurou baixinho
—Oh! deixe-me dormir!...

Morde a abelha doirada a flôr que oscilla...
Lambe a lingua do arroio a flôr curvada...
Quanto beijo de amor povoando as noites
Nos suspiros d'aragem perfumada!
Se tu quizesse, Magdalena mórbida,
Eu pudera tambem viver... fruir...
Foi ella e disse, estremecendo as palpebras,
—Mas deixe-me dormir!...

Ouves, creança? E' o grito funerario
Da meia noite que gemeu no espaço...
A lua chora, as virações soluçam,
Os mortos marcham com sinistro passo...
Como o medo te faz tremer no leito!
Se eu pudesse ao meu peito o teu cingir,
E affastar do teu somno os sonhos tristes...
E ella quase a dormir!...

Abri ditoso o cortinado branco...
Contemplei a sorrir seu doce somno;
Beijei sua trança avelludada e longa
—Enroscada serpente no abandono!—

No niveo véo que lhe occultava o seio
Minha mão resvalou, quase a bulir...
Rocci meus labios em seus labios quèdos...
E ella estava a dormir !

E delirei talvez naquellas pétalas
Como se abelha tresloucada eu fosse !
Assim no seio das magnolias tumidas
Doudeja o vento perfumado e doce.
Oh pallida mulher, quebra o teu somno !
O dia váe romper e eu vou fugir...
Anjo do meu amor ! desperta... é tempo...
E ella sempre a dormir !...

S. Paulo. 1869.

ADEUS !

(PALAVRAS NO MAR)

Adeus, mulher, adeus ! Eu vou distante,
Longe do teu ardor,
Minha fronte pender febricitante
Do estudo no labor.

Já fica longe o céu onde te ostentas
Em magico fulgor ;
Vou passar longos dias, horas lentas
Talvez sem luz de amor.

Cansado peregrino do futuro
Meu fim é caminhar :
Tenho a estrella da fé por palinuro,
A crença por altar.

Gemerei n'amplidão um ai supremo
Em longo meditar,
E direi da saudade o canto extremo
A's virações do mar.

De saudosa lembrança as agonias
Cuja dôr é lethal,
Vem seu véo desdobrar sobre os meus dias
Em hora bem fatal.

Comtudo, eu bemdirei as alegrias
Da aurora festival,
E os sonhos do porvir—meus doces guias,
E Deus que é meu fanal !

Quando a pallida luz da triste lua
Nas ondas reflectir,
Cravando meu olhar na face sua
Pensarei no porvir.

Quando o canto do nauta em alta noite
Pelos ares fugir,
Quando dos ventos o feroz açoite,
Vier o mar ferir,

Erguerei uma prece ao Deus do mundo,
Ao Deus das solidões...
Soltarei meus suspiros longos, fundos
Na fé das orações.

Pensarei nos meus dias de menino,
Nas doces estações,
E entoarei baixinho, ao som de um hymno,
As juvenis canções.

Pensarei nessas horas que passamos
Contentes a brincar...
Nas borboletas brancas que apanhamos
Correndo no pomar.

Pensarei, a chorar, na verde alfombra
Onde te vi saltar,
Na flôr silvestre que colhi na sombra
P'ra o teu çabello ornar !...

O' aves do oceano, anjo das aguas,
Meu cantico escutáe,
Repeti este som das minhas mágoas,
Choráe, aves, choráe !

Se aqui alguém passar, e derradeiro
Se ouvir o som de um ai,
Dizei, aves, dizei : é do romeiro
Que já bem longe váe !

Se alguém vos perguntar as tristes lendas
Do bardo que passou,
Dizei que elle trilhou da vida as sendas,
—Que soffreu e que amou !

Que ao sol da juventude o bardo afflicto
Tanta vez suspirou,
Que dos amores o fatal delicto
Para sempre o prostrou !

E eu vi além mulheres tão ardentes
Sonhando tanto ardor...
Mas nenhuma poisou labios trementes
Nos labios do cantor !...

Adeus, mulher, adeus ! Eu vou distante
Longe do teu amor,
Minha fronte pender febricitante
—Sombrio sonhador !...—

Rio de Janeiro. 1868.

LUZ !..,

Quando nas noites de um soffrer immenso
Sigo um sonho fallaz por entre abrolhos,
Entre a angustia cruel das minhas penas
Porque não me soccorre um raio apenas
Da luz desses teus olhos ?

Quando eu—náufrago triste, em mar sem termo .
Resvalo a fronte nos fataes escólhos
Se alguma cousa em minha dôr desejo
E' um lampejo, senhora, um só lampejo
Da luz desses teus olhos !...

Como estrellas nadando em céu nocturno
—Quaes flôres d'oiro em fulgurantes mólhos—
Deixa, deixa passar sobre esta fronte,
Como passam coriscos no horisonte
—A aurora dos teus olhos!

tr
Ribomba ao longe a tempestade insana
Do mar tremendo nos fataes refólhos...
Sinto a fronte pender enfebreçada,
Não vês que vou morrer? Oh! dá-me a vida
N'um raio dos teus olhos!...

S. Paulo. 1869.

ENDECHAS

Oh ! eu te vi passar, e após teus cantos
Vi saudoso o horizonte se ennublar...
Ciumenta a lua se embuçou em mantos
E a estrella d'alva se occultou no mar !

Eu tinha n'alma o tédio. Em minha fronte
Desdobrára a tristeza o manto escuro :
Nem um raio de luz vi no horizonte,
Nem um raio de amor vi no futuro !

Dos estragos fataes de uma descrença
Nos meus labios, mulher, passára o sêllo...
Tu foste o raio de uma aurora immensa,
Tu foste o sol que dissipaste o gêlo !

E eu pudéra feliz viver, divina,
Sobre o teu cóllo reclinado a mêdo
Como a languida flôr que se reclina
Sobre o seio offegante do arvoredo.

Pudéra inda escutar o doce harpejo
Das cantigas de amor que ouvi outr'ora ;
Suspirar de prazer por entre um beijo,
Saudar os risos de festiva aurora.

Quem sabe onde estarás ? Talvez arfando
Da saudade cruel na dôr sem termo...
Talvez pallida e triste desfolhando
As rosas da illusão no chão do êrmo !

Se eu pudesse envolver em meu sudario
Tua pallida fronte, onde perpassa
Das lagrimas o triste itinerario
—Astros errantes de fatal desgraça ;—

Se eu pudesse apontar-te no horisonte
Auroras boreaes, astros luzentes,
E enxugar-te febril o suor da fronte
Co'a rubra esponja dos meus labios quentes,

Ambos nós morreríamos de goso...
Tu, ébria de paixão, doida de zêlos,
Eu, bemdizendo o céu, beijando ancioso
As tranças divinaes dos teus cabellos !

Chamei-te, e o vento suffocou-me as queixas,
Chorei, e a noite pranteou comigo...
De peregrino exausto ouve as endechas,
Não o deixes morrer ao desabrigo.

Vem, que do abysmo das paixões ardentes
Abrem além os rutilos caminhos !
Quero aquecer-te as palpebras trementes
Nos lampejos febris dos meus carinhos !

Eu era triste como a sombra vasta
Da noite escura pelo horror do êrmo...
Faltava-me este afan que a febre arrasta,
Este ferver de sensações sem termo !

Oh anjo tutellar dos meus anhos,
Minha estrella polar, ouve este harpejo !
Aos divinos aneis dos teus cabellos
Quero a vida entregar beijo por beijo !...

Nas febres da paixão quero ditoso
Contar-te o sonho que meu peito abraza ;
Na insania louca do aspirar do goso
Beijar-te as fimbrias do roupão de gasa...

E escutar dos teus labios o segredo,
Sentindo o rescaldar da febre tua...
Quando a brisa gemer pelo arvoredado,
Quando louca de amor tremer a lua !...

Quando o teu vulto onde o meu céu se encerra
Passou envólto em vaporoso véo,
N'um mar de flôres se inundou a terra,
Chuva de estrellas rebentou do céu !...

Anjo loire de amor dos mundos vastos,
Estrella da manhã ! oh ! vem querida,
Quero envolver-te nos meus beijos castos
Quero de affectos pavaoar-te a vida !...

S. Paulo. 1868.

TEU NOME

Em tudo eu leio teu nome...
No céo, na terra, na flôr ;
Teu nome escripto por anjos
No livro eterno do amor.
Teu nome os mundos murmuram
Nas estrophes que perduram
Bem quando os mundos procuram
Erguer um hymno ao Senhor !

Quando os diademas do Eterno
Quebrados tombam no céo,
E rolam sôltos diamantes
Do firmamento no véo,
Quando elles tremem brilhando
Pelo espaço se espalhando
Como thesouros tombando
Sobre divino escarcéo,

Teu nome escrevem ! Teu nome,
O' doce, pallida *hourí* !
Nome que vale uma auréola,
Auréola que traz em si
Do olhar de Deus um lampejo,
—Em cada perola um beijo
Do sol que morre em desejo,
De Deus que morre por ti !...—

Quando a aurora se levanta
De seu rúbido crysol,
E molha a penna convulsa
Pelas tintas do arrebol,
Do amor ao cáldo lume
Grava, nas febres do ciume,
Teu nome... e salta um volume
De cada raio do sol !...

Quando perpassam nos sonhos
Sons de ethereo bandolim,
E a alma lê transportada
Livros do ignoto festim,
De cada lettra candente
De teu nome omnipotente
Rebenta um raio fulgente
—Clarão da vida sem fim !

Quando no Templo isolado
Oíço o vento soluçar,
O vento passa saudoso
O teu nome a soletrar.

E em cada vago suspiro
Da flôr do agreste retiro
Teu nome escuto, e deliro
—Ave sem norte e sem lar!—

Quando a noite entrega aos ares
As harmonias que tem
Teu nome eu oiço nos éccos
Que as auras trazem de além...
E quando brilha orgulhosa
A primavera donosa,
Em cada folha de rosa
Teu nome leio também!

Quando eu morrer, e meu corpo
Em pobre leito jazer,
Se tu abrires meu peito
Para ahi teu nome vêr,
Em cada laivo roxeado
Do coração lacerado
Verás teu nome traçado
Comigo á tumba descer!...

.
Em tudo eu leio teu nome...
No céu, na terra, no alvôr
Das alvoradas que passam
Cantando lendas de amor.
Teu nome é o hymno dolente
Que foge languidamente
Da interminavel torrente
Dos sonhos do Creador! . .

S. Paulo. 1870.

LYRA

Que importa a febre lubrica
D'aurora que desperta
Rasgando áurea coberta,
Mostrando o seio nú ?
Que importa o labio fulgido
Do sol beijando a terra ?
—Meu sol em ti se encerra,
A minha aurora és tu!—

Que importa a nuvem magica
Que a brisa além levanta,
E o sabiá que canta
Nas frondes do bambú?
Não amo os sons eolios
Nas grutas dos pomares...
—Na sombra dos meus lares
Minha harmonia és tu !...

★
Ajoelhado, pallido,
Homem perdido, enfermo
Se aos céos eu peço termo
De meu destino cru,
Se invoco humilde e tremulo
Um Deus... um nome occulto
Teu nome digo... e exulto
Porque o meu Deus és tu !...

★
S. Paulo. 1869.

ULTIMO ÉCCO

Adeus, gentil creança ! Eu te perdôo
O mal que me causaste ao pobre peito.
Ave branca do céu, desprende o vôo,
Que eu fico satisfeito !...

Fico, sim ! Desta vida no negrume,
Apparentando o riso da alegria,
No secreto pungir de atrás ciume
Morrerei de agonia !...

Váe-te, é melhor ! Que importa seres linda,
Lucida estrella minha predilecta,
Se tu não podes comprehender ainda
O doido amor do poeta ?

Eras muito innocente... não podias
Entender este afan que me matava...
Nem mesmo era por mim que tu sorrias
Quando eu por ti chorava.

Foste cruel talvez, mas tu nem sonhas
Quanto sonho de amor crestou-me a fronte...
Quantas horas passei lentas... medonhas
Sem luzes no horisonte !

Em tudo eu te adorava... Quando á noite
Pelo espaço vagava a tenue aragem
Impellindo a palmeira em brando açoit, —
—Eu via a tua imagem !...

Eu via a tua imagem, quando as flôres
Ao descambar do sol ledas sorriam ;
Quando do sol os ultimos fulgores
A terra esclareciam.

Eu via a tua imagem, quando aos ares
Desatavam as aves meigos cantos...
Da poesia perdido em róseos mares
Saudei os teus encantos.

Eu via a tua imagem, quando as rosas
Perfumavam a brisa na passagem ;
Do meu sonhar de aspirações formosas
Tu foste a terna imagem.

Sonhei contigo amores nunca findos
Mas o sonho acabou... Eis-me sem vida !
Não mais verá de luz seus dias lindos
Minh'alma entorpecida.

Quando a turba passar ébria de gosto
No delirio fatal das bacchanaes,
Nem hade descobrir pelo meu rosto
Do peito os mil punhaes.

Nas orgias sem fim do socialismo
Não tisanarei de negro a fronte minha ;
Est'alma no aspirar do idealismo,
Anjo, será sósinha !...

Passarei da procella entre o negrume
Apparentando o riso da alegria,
Ao tremendo dorir de atrás ciume
Morrerei de agonia.

Gemerei solitario no deserto,
Nem uma queixa ao mundo entregarei,
E quando a morte me acenar já perto
Cantando acabarei !...

Janeiro. 18...

2.ª PARTE

O GENIO

E' noite. As sombras —enlutadas aguias—
Sacodem a plumagem ;
Fluctuam notas de funerea orchestra
Na ondulação d'aragem.

E' a hora augusta do Titão dos seculos...
Arredáe-vos, ó sombras !
Elle tem por docel o céu immenso,
Os mares por alfombras !

Astros ! grupáe-vos pelos plainos longos
Do lucido proscenio,
Como por vêr passar—irmão dos seculos
Esse gigante - o genio !

Como o phantasma da sombria lenda
Elle atravessa os ares...
Faz barreira aos tufões seu largo peito
—Oceano de pezares !—

Raios perdidos de seus olhos tombam
—Antros de luz profundos—
De eterna aureola circumdou-lhe a fronte
O Deus dos vastos mundos !

A terra inteira ao presentir seus passos
Suffoca enorme grito,
E apenas diz balbuciando—«salvè,
Imagem do infinito !...»

E o vulto ostenta sobre a fronte vasta
Da gloria o reverbéro,
E diz aos seculos que a tremer murmuram
—Passáe ! eu sou Homéro !—

Pergunta a estrella em desvario ardente
Do mar á magestade :
—«Sabes quem é, ó mar, este homem pallido ? »
Diz elle — a eternidade !...

O oceano estremece... e grande, immensa
Foge dos labios seus
Pelos trilhos sem fim de eternos mundos,
A trova eterna — Deus !

Da noite as sombras empanaram brilhos
No chão da immensidade ;
Cruzam-se os raios no horizonte negro,
Soluça a tempestade.

Pallido, erguido, immenso como o abysmo
O genio encara o céu,
Conjura ousado os vendavaes raivosos
E ri-se do escarcéo.

Batem-lhe ás faces as lufadas frias
Das ondas da desgraça,
Mas elle espanca co'a cabeça as nuvens,
Saúda o raio e passa !

Pergunta a noite a sacudir nas garras
Convulso cataclismo :
—«Onde vâes? quem és tu?» Responde o vulto
—«Silencio! eu sou o abysmo!...»

Calam-se os mundos pelos plainos longos
Do lucido proscenio
Como por vêr passar o rei dos seculos
Esse phantasma—o genio !

Mas triste a noite resvalou nos antros
Dos raios osculada...
A tempestade se desfez no espaço
—Serpente espedaçada.—

Da luz radiante as catadupas céleres
Banham a foce ao dia,
E Deus arranca de su'harpa eterna
Torrentes d'harmonia.

Passa cantando a emanação d'aurora,
Expande-se a floresta...
Beijam-se os dois abysmos—céos e terra,—
Prorompe a grande festa !

E o sol e o genio no infinito erguidos
Fitam-se em convulsões...
Em cada troca desse olhar se trocam
Lampejos de vulcões !

Altivo o sol—antagonista ousado
Váe rolando em desmaios...
Rolam no espaço as duas aguias, chocam-se
E desfazem-se em raios !

Então, das fauces do revolto oceano
Rompe um brado—victoria !
E o genio tomba, naufragando em luzes,
Nos turbilhões da gloria !...

S. Paulo. 1869.

MINHA ALCOVA

Era uma alcova solitaria aquella !...
Hoje talvez ninguem suspire ali...
Talvez a triste abandonada e bella
Pergunte á solidão se eu já morri.

A' tarde vinha o sol, doirando a mesa,
Beijar meus livros com seus raios mórnos ;
Era o sol a sua unica riqueza
Sonhos e amor—seus unicos adornos !

Minhas noites gentis passei saudoso
Na doce paz daquella alcova triste...
E o leito onde eu sonhei febril... ancioso.
A esta hora talvez já não existe !

E os versos que eu gravei pela parede
—Vestígios fundos dos amores meus—
Aquelles gritos de afflicção e sêde
De certo alguém já os profanou, meu Deus !

Talvez tudo se envolva em abandono...
Talvez no leito onde dormi ditoso,
Murmure a convulsão de afflicto somno
E o beijo torpe de maldito gozo !

Hão de as ervas crescer agora em torno
Da janella onde eu vi surgir os dias,
E o vento em horas de um silencio môrno
Hade ahi desfazer-se em monodias.

Ficava ali naquella immensa altura
Da desditosa casa... O rio em frente...
Ao longe—as ilhas de eternal verdura,
Além—a rubra alfombra do occidente.

Uma noite, meu Deus !—noite medonha !
A tempestade arrebatou-me ao ar...
E eu disse adeus a uma illusão risonha
E á paz saudosa do meu pobre lar !

Desde então nunca mais tornei a vêl-o...
Deixei-o além, em trevas, triste e só ;
—As paredes talvez vertendo gêlo...
—Sobre as mesas rolando ondas de pó !...

E meu leito a chorar no esquecimento
—Páe que espera o seu filho no abandono—
Talvez pergunte ao soluçar do vento :
—«Onde é que dorme o meu querido dono?»—

O' minha alcova solitaria e bella
Onde as febres do amor feliz senti,
Ouve os meus ais nos gritos da procella...
Minha alcova gentil, eu não morri!...

S. Paulo. 1866.

NUVEM BRANCA

Em senda azul passeia a branca nuvem,
Meiga fada talvez váe-se a scismar...
Corre impellida por destino louco
Té que os beijos do vento a ponco e pouco
Váe no oceano do céo se mergulhar.

Pallido vulto da sidérea abobada
Que te embalas no lucido arraial,
Tu desenhás no céo como em relêvo
Desmaiada donzella em doce enlevo
Ao clarão do pharol celestial!...

Anjo perdido na extensão do páramo
Resvalando do céu no mar azul,
Porque avivas em mim tanta saudade
Quando foges além na immensidade
Ao lascivo oscular do vento sul?...

Alcyone librada no ambiente
Vem contar-me esses sonhos que lá tens...
Aos mundos em que vás quero ir contigo,
Quero ir da paz buscar o doce abrigo
E gozar junto a Deus celestes bens !

O' branca nuvem que no céu passeias
Ao tremulo beijar da viração,
Recebe no teu seio transparente
Meu extase de amor, minh'alma ardente
No tenue murmurar desta canção.

Alva phalena da região dos astros
Vás douda procurando ignota luz...
Vaporoso ideal de algum poeta,
Vaporosa creança predilecta
Vás em busca de um céu que mais seduz !...

Niveo cysne embalado nas alturas
Que te vás n'outros climas habitar...
Oscillante corôa d'alvas flôres,
— Cabeça de mulher sonhando amores,
Amores de mulher sôltos ao ar !...

Quem sabe o que tu és ? perdido manto
De sonhada visão, alma erradia...
Um phantasma talvez de extinto anhelô,
Do invólucro do céo nitente sêllo,
Ou larva errante de subtil poesia !...

Meiga pomba de amor, languida oscillas
Qual caprichosa ondina do ideal ;
Fumaça de um suspiro que fluctua,
Nivea rosa do céo, que sorte é a tua ?
Porque vâes te pender n'outro arraial ?

Vacillante baixel vagando a êsmo
Qual de douda paixão chispa fallaz ;
Desmaiada mulher em molle rêde,
Perdido beijo de amorosa sêde
Que o soprar da illusão sempre nos traz !

Quem te seguisse a rapida carreira...
Quem te soubéra da ideal missão...
Talvez langue contigo em sonho ethereo
Estudára dos anjos o mysterio
Embalado nas rêdes d'amplidão !

Quando te vejo deslisar serena
E sorrindo a sonhar mudo te fito,
Penso vêr nesse alvor que te circumda
—Alva imagem levada moribunda
A' impalpavel alfombra do infinito !—

E digo a meditar :—quem diz que a nuvem
De santo amor passado alma não é ?
Então recordo os gozos que já tive,
—Blandicias de uma mãe que já não vive,
Nectareos dias de nectarea fé !..

O' branca nuvem que passando deixas
Saudades de illusões que eu já senti,
Quando adejas no azul do leito immenso
Semelhando o ondular do sacro incenso,
—O meu alvo ideal se esculpe em ti !..

.

E em senda azul resvala a branca nuvem,
Meiga fada talvez váe-se a sonhar...
Corre impellida por destino louco
Té que aos beijos do vento a pouco e pouco
Váe no oceano do céu se mergulhar!..

Paulo. 1867.

INVERNO

O riso alegre dos festivos dias
 Já váe soando além ;
Vão fugindo dos bosques os verdores...
Meu Deus! a historia do cahir das flôres
 Que negras laudas tem !...

Hontem o bosque era tão verde ainda,
 Tão ardente era o sol,
E Deus n'um throno de fulgor cercado
Sacodia no espaço o pó doirado
 Do manto do arrebol !

A flôr dos valles segredava á brisa,
E a bria a suspirar
Dizia á flôr do valle—«eu sonho e canto,
Se bebo vida é em teu viver de encanto...
Viver... viver é amar !..»

E agora geme n'amplidão deserta
Sinistra ventania !
As aves fogem recortando as brumas
E o mar nas fauces que transborda espumas
Soluça uma agonia !

Andorinhas, adeus ! vós ides longe
Outros climas gozar,
Em quanto eu fico aqui saudoso, exausto
Na immensa escuridão de um sonho infausto
Morrendo de pezar !

Como as folhas que as arvores sacodem
Murchas sem viço e côr,
As folhas verdes de esperanças bellas
Morreram-me no peito entre as procellas
De excruciante dôr.

Eu quero ir meditar saudoso agora
Junto do oceano e só...
Ouvir as ondas que a rugir se alentam
Como teclas de um organ que arrebetam
E reduzem-se a pó !...

Irei cantando pelos ares turvos
 Amor, sonhos, paixão...
Ave sem norte aos turbilhões rojada
As azas roçarei na vaga irada
 Que esbraveja ao tufão !...

Eu quero ir só pelos desertos tristes
 Por onde o sol passou,
Ouvir o grito do sabiá que expira
Sem lar e sem amor, qual morre a lyra
 Se a mão nella gelou !...

Da êrma cathedral á sombra augusta
 Soluçarei talvez...
Fixando ao longe os merencorios montes
E a nevoa que perturba os horisontes
 —Phantasmas do revez !—

Quero ouvir no infinito a voz soturna
 De um canto sepulchral,
E pensarei no sol, nas primaveras,
Lembrarei minhas febres de chiméras
 E o campo... e o laranjal...

Meu Deus ! o riso dos festivos dias
 Já váe soando além...
Vão fugindo dos campos os verdores...
Já nos montes de além não brotam flôres
 E o céo astros não tem !...

Como o vento que chora em torno á tumba
Da flôr que succumbiu,
Eu passarei saudoso envólto em pranto
Respeitoso beijando o esquife santo
Da luz que se extinguiu !...

S. Paulo. 1870.

VOZES DA MOCIDADE

(AO MEU AMIGO LÉO DE AFFONSECA)

Cantemos! sobre o lago azul da vida
Resvala a gondola á mercê dos ventos
Das crenças ao clarão.
Oh! é bello entoar, pallido ainda
Da febre atroz dos ultimos tormentos
Liberrima canção!

Despertemos da frente a ideia exanime
—Raio dubio de um sol que já não arde
Na convulsão do amor;
Minhas lendas crucis dormi tranquillas,
—Cinzas que o vento espalhará mais tarde
Da tumba em derredor.—

Não ha no céu nem uma nuvem negra ;
 Das lagôas gentis nas faces lisas
 Nem um laivo sequer...
 De Child-Harold o adeus se escuta ao longe,
 A voz de Malibran passa nas brisas...
 Oíço gemer Gilbert.

Amo a grandeza immensa da poesia,
 —O azul do espaço, a negridão das azas
 De um céu êrmo de luz ;
 A debruçada flôr do abysmo á beira,
 Um anjo louco que espedaça as gazas
 E morre junto á cruz!—

Ambos nós somos moços, ambos temos
 No labio uma canção, no peito um grito
 De amor e de porvir.
 A' beira do caminho as rosas pendem,
 Retemperam-se as vozes do infinito...
 E' o sol que váe surgir !

Oh ! saudemos a luz das alvoradas
 E as flôres da estação que se espanejam
 No convulsar do afan.
 Cantam as aves, a floresta oscilla,
 E os labios rubros do oriente beijam
 Os labios da manhã !

E' bello o estremecer de vago aneio
 Da natureza inteira, e vêr os mundos
 Boiando em mar de anil !
 Oh ! é bello gravar com traços grandes
 —Gloria !— dos céos nos âmagos profundos
 Quando a ideia é o buril !

Ouvir suspiros de mulher amante...
 Sobre o abysmo esfolhar de um peito cálido
 Flôres. . louros talvez ..
 Abranger o porvir n'um beijo apenas,
 Quebrar a vida n'um soluço, e pallido
 Cair da gloria aos pés...

Escutar o clamor da mocidade,
 O hymno da aspiração e da grandeza
 E de um seculo o arquejar ;
 Dormir pensando no porvir da patria
 E despertar ao som da MARSELHESA
 Na praça popular...

Transpor sorrindo os Hellêspontos vastos
 Das chiméras fataes que abrasam craneos,
 Na treva... sem fanal...
 E desmaiar depois—mendigo ou louco
 Como Tasso e Camões—vultos titaneos
 A' sombra do hospital...

Tudo isto é grande e nobre ! A mão convulsa
 No alaude sombrio á dôr votado
 Mal póde um som ferir !
 Cantemos, sim ! até que eu possa ao menos
 Na derradeira crença amortalhado
 Tranquillo ao céu subir !

Oh ! tu bem vês, amigo ! A minha musa
 Tresloucada phalena os ares corta
 Sonha, doudeja e cáe !
 Ébria de luz em torno á luz se offusca,
 Amanhã rolará no abysmo morta
 Sem desprender um ai !

Vê! a aurora desponta! A fronte augusta
Do céu—sacode os fulgurantes nastro
 Doirados do arrebol!...
Tu és tão moço e o sol é tão ardente...
Pois bem! meu canto vos saúda, ó astros!
 Saúda a ti e ao sol!...

S. Paulo. 1870.

NOCTURNO

(SOBRE UMA PAGINA DE LAMARTINE)

• • • • • • • •
• • • • • • • •

E elle tinha talvez na fronte a chamma
De uma ideia fatal... No olhar sombrio
A dôr do coração... Nos labios pallidos
Talvez uma blasphemia !

Das verdes solidões saudou o encanto
Onde sobre o tapiz brinca o cordeiro,
E das cabanas dos vergeis sublimes
Bemdisse a paz querida.

Vio collinas ahi, vio frescos valles,
Fulgidos sóes no vasto firmamento,
—Quaes perdidos bateis por altos mares
Serenos oscillando.

De doce voz ouvio saudoso écco,
E os murmúrios sentidos desses sitios,
E o ballido de ovelhas confundido
Co' a voz dos passarinhos.

Trilhando no tapiz do musgo em flôres,
—«Ah ! diz elle, que placidos retiros !
Com toda a pompa assoma a natureza
Por valles e por montes !

«Ai, o nome que ao céo a fama eleva
Envolver-me parece nos seus raios...
Dos dons zelosa a gloria aclara altiva
Tudo o que amor inspira.

«Tal quando eu vi-te, ó joven linda victima,
Onde o genio reluz mercê das mágoas,
Ante essa frente só de luz banhada
Tremeu-me o coração !...

«Mas um dia, inda tenue vinha a aurora,
No doce lar, ó virgem, te occultavas,
Nesse adoravel desalinho ainda
Do languido repouso.

«Dispersos móveis do trevoso asylo,
Fumosa alampada esquecida ao sol,
—Desordens eram, taciturno emblema
Da insomnia dessa noite...

«De escoado festim—harpas e versos...
De adormecidas mãos cahidos livros,
Pendidas c'róas de pendida fronte
O chão alcatifavam !...

«Crestára a luz da vella o branco adorno
Com que, visão mimosa, te enfeitavas...
Sôltos ao abandono os teus cabellos
Serpentes semelhavam !

«No pallido semblante ess'alma estava...
A fronte docemente se pendia
Como á pressão da dôr, e a mão nevada
Tombava sobre os joelhos.

Nos negros olhos scintillava o pranto
Tal como sobre a flôr argentea fulge
Gotta nocturna que o cerrado bosque
Não deixa o sol beber !

«Tinhas um dêdo então collado nos labios
Como que a mêdo a murmurar—silencio !
Para a irmãsinha que no móbil berço
Dormia docemente.

Da morte a sombra temeraria ousára
 Passar ahi, e teu olhar turbado
 D'alma as angustias despertava afflicto
 De chofre despertadas...

Passado o susto, desprendeste o pranto
 De excessiva alegria... Em um suspiro
 Despertaste do engano, e junto ao berço
 Cantaste o horror da morte !

«Ai, que ninguem mais te veja, anjo mavioso
 Que exerces sobre as almas duplo imperio,
 Que do genio e do amor, n'um só dardejo
 Outorgas luz e fogo !...

.

«Mas ai ! Quando invoquei teu vulto um dia
 Prematuro encontrei-o exanimado
 Sem lyra e sem corôa,—o rosto livido
 E o corpo sobre um leito.—

«Oíço dess'alma tua os tenues gritos
 Cujos sons o mais doce amor inspiram ;
 E essas trovas do berço, ó martyr santa,
 Só tu trinal-as sabes.

«Basta, meu coração ! Suspende, ó lyra !
 Que daquelle anjo a gloria amores lembra ..
 E' uma alma o genio, e quem se curva a elle
 Recebê amor em paga ! »

Dezembro. 1867.

NOITE

O' noite, eu quero em teu seio
Minhas dôres derramar ;
N'um pedaço do teu manto
Quero o meu pranto enxugar...
Tu és viuva, eu sou orphão
—Ambos sabemos chorar.

Vamos, poetisa da morte,
Vamos de angustias viver...
Como tu, triste e sombrio
Eu sei calado soffrer ;
Vamos nos valles desertos
Funéreas flôres colher.

Vamos, o vento soluça
Junto á flôr que adormeceu ;
O rio sonha e murmura,
Sonham os astros no céu
Em quanto a insomnia tortura
Quem para as dôres nasceu.

Dos profundos pesadêlos
Do somno do laranjal,
O som fluctua e se escôa
Pelas devesas do val,
E os vagalumes se embalam
Nas rêdes do matagal !

Como perdida somnambula
A brisa deita a fugir,
A relva oscilla e boceja
No seu profundo dormir,
E os abysmos vão se enchendo
Dos segredos do porvir !...

Na folhagem quêda e muda
Resvala um leve rumor...
—Foi um suspiro quebrado
Foi uma lenda de amor,
Foi uma estrophe tombada
Do poema eterno da dôr.

Ao som do harpejo sombrio
Que se esváe na solidão,
Bebem nas trévas as larvas
Sens raios d'inspiração...
—Do vento a lyra se agita,
Do abysmo salta a canção !...—

O' noite, eu amo e venero
Teu funéreo talismã...
Se a minha fronte se queima
Nas febres do teu afan,
E' que tu trazes-me, ó noite,
Os prantos de minha irmã !

Pois bem, eu quero em teu seio
Minhas dôres, derramar :
Ambos nós vamos, quem sabe ?
De pranto os mundos povoar...
—Larvas perdidas nas sombras
Ambos sabemos chorar !...

Tu és viuva, eu sou orphão,
Choras tu, chóro eu também ;
Como tu, madona triste
Minh'alma amores não tem...
Abraça-me, ó noite, e vamos
Viver a vida d'além !...

S. Paulo. 1870.

O MAR

Salvè, colosso do êrmo
Que pregôas n'amplidão
Tua grandeza sem termo
No palco da criação !
De teu enorme alaúde
Nesse canto immenso e rude
Palpita a voz de Jehovah...
Bem quando afflicto desmaias
Na branca areia das praias
Se o tufão te arrasta lá !...

És bello assim ! Arquejante
Em ruidoso resfolgar
Vâes ás nuvens triumphante
Teu segredo revelar !...
Na ascensão precipitada
Ergues a fronte exaltada
Como em delirio infernal...
—Cantas nas harpas do vento
Com a fronte no firmamento
Com as plantas n'um tremedal !..

Feroz serpente agitada
Em raivosa contorsão,
Sacodes juba eriçada
Pelos campos d'amplidão !
Sobre as nuvens repellidas
Cospes perolas nascidas
Dessa garganta feroz...
No agonisante transporte
No espaço arrojas a morte
E na morte o insulto atroz !...

Que és tu, gigante das lutas,
Bardo de eternas canções ?
Porque é que impavido occultas
Ossadas de gerações ?...
Que mão immensa embalança
O teu peito que não cansa
Nesse eterno refferver ?
—Monstro da infinda romagem
Que dizes nessa linguagem
Que ninguem póde entender ?

Eu sei... Tu és o sacrario
De muita crença final...
Teu alvo manto—um sudario
Teu susurro—um funeral.
As estrellas—são teus cyrios,
A brisa—um som dos martyrios
Que se esváe dos seios teus...
Do aquilão ao beijo rude
Passas—grandioso ataúde—
Levado em braços de Deus !...

Ao som plangente de guerra
Em teu medonho escarcéo,
Com a juba açoitas a terra,
Com a fronte oscúlas o céu !
No olhar—funesta magia,
Nos labios—uma agonia,
No seio—horrível traição...
Na voz um som d'impiedade
Segredando á eternidade
Na angustia da convulsão !

E vâes, na insana corrida
Arrebatado em tropel,
Como de nuvem partida
—Raivoso, doudo corsel !—
Quem sabe se em teu rugido
Não se ouve um canto perdido
Que as tumbas sabem carpir...
Dos seculos tocando a méta
Talvez sejas o propheta
Dos destinos do porvir.

Sacode essa fronte altiva
No teu imperio sem fim,
Ebrio, temivel conviva
De interminavel festim!
De tua immensa garganta
Rompe o brado que alevanta
Hosanna aos raios da luz!
Salvè, em teu antro profundo,
—Leopardo adorando o mundo
Prosternado aos pés da cruz!

Mas quem creou teu encanto,
Teu gemido quem creou?
Nascestes acaso do pranto
Que o Christo outr'ora chorou?
E os teus sentidos rumores
São écco ainda das dôres
De um soffrimento fatal...
Talvez o grito supremo
Que o Gólgotha ouviu, no extremo
De enorme angustia final!...

Quando te arrojas irado
Pela amplidão a rugir,
Pareces querer ousado
O mundo inteiro engolir!
Saúdas o céu n'um grito,
Beijas, cantando, o infinito
Segredando ao Redemptor,
E depois voltas gemente
A repousar docemente
Prostrado pelo estertor!

.....

Calou-se... a tarde desmaia
Por sobre rubro coxim..
Sómente ao longe, na praia
Passa um gemido sem fim.
E além, da alfombra argentada,
Surge a lua enamorada
—Garça de intenso clarão—
Fugindo em campo azulado
Váe pender-se—anjo cansado—
Nas rêdes da immensidão !

Tudo é paz .. Sómente ao longe
Da bruma avulta o pallôr,
—Tunica immensa de um monge
Que entõa um psalmo ao Senhor !—
D'entre azulada cortina
Salta a brisa matutina
Rasgando o véo do arrebol ;
E o mar semelha, oscillando,
—Vasto thurib'lo incensando
A face augusta do sol !—

Da abatida magestade
Nos recorda o murmúrio
—Suspiros de uma saudade
Fugindo em brisas d'estio.
Sõa ao longe agro queixume
Como um pungir de ciume
N'um coração de mulher...
Soluça um threno, a sereia,
E a ondina em leito de areia
Váe suspirosa morrer!...

Hosanna, assombroso vulto,
Invencível Briareu
Que á terra joga o insulto
Cuspindo a fronte do céu !
Na tua eterna grandeza
Tens por throno a natureza
—Fulgente, enorme painel—
—Um leito de pólo a pólo,
Vastos abysmos por sólo
E os pés de Deus por docel !...

PHANTASIAS A' TARDE

Dos plainos azues da immensidade
O sol já vem descendo
De seu enorme olhar á magestade
Recúa o mar tremendo.

E diz o mar no seu soluço rouco
—«Que queres tu, Senhor?
Vens acaso escutar, corsario louco,
Minhas lendas de horror?»

Ergue-se o sol nas purpuras do leito,
—«Sou a gloria... bem vês!...»
E o mar responde comprimindo o peito
«Senhor, eis-me a teus pés!»

Silencio n'ampidão... A brisa mórna
Espanca as casuarinas,
E das flôres do val travêssa entorna
As amphoras divinãs.

E as borboletas sacodindo as azas
Em mundos d'illusão,
Rompem as brancas perfumadas gazas
Dos lyrios do sertão.

E o lyrio entre-abre a estremecer n'um beijo
Seus labios de setim...
Confundem-se dois ais n'um só desejo,
Depois... Quem sabe o fim?

E dos flocos de fogo do occidente
O sol espreita o mundo...
Mólha no oceano a cabelleira ingente
—Sublime vagabundo!—

—
Corre a nuvem subtil no azul do espaço,
Vãe rapida fugindo
Como temendo vêr o aspecto baço
Da noite que vem vindo.

Pelo doirado chão do firmamento
Vão-se os anjos sonhando,
Nos rapidos corseis do brando vento
Galhardos cavalgando!

E brada o sol ao mar—«tu és a inveja...
Sou a gloria... bem vês!»
Vacilla inda o leão, murmura, arqueja
Mas váe beijar-lhe os pés!...

—

E' triste e doce o segredar d'aragem!
Que genio ethereo a perpassar soluça?
E' um anjo loiro que a sorrir debruça
Pallida a fronte do infinito á margem?

Da brisa os labios divinaes espremem
Nos alvos lyrios as canções de ardor,
Depois ao longe embaraçados gemem
Por entre as tranças da palmeira em flôr.

Passam as aves dos jardins celestes
Co' as azas debeis agitando os ares
Anjos que emigram dos floridos lares
Por sobre abysmos dispersando as vestes!

Dos vastos bosques nos cabellos sóltos
Os labios passam das gentis creanças...
Tremem os crespos festivaes, revôltos
Do argenteo dorso das lagôas mansas.

E a flôr curvada beija as relvas humidas...
Fluctua a nuvem sobre o mar que harpeja,
E o sol no oceano a desmaiar dardeja
Fagulhas d'oiro sobre as rosas tumidas.

Sinto saudades quando o sol desmaia
 E o céu se veste de funérea côr...
 Quando rebenta no areal da praia
 Da espuma d'agua a regelada flôr.

E dobro os joelhos ante o templo immenso
 Do céu da tarde espadanando estrellas,
 E as brisas levam—mensageiras dellas—
 Nos labios môrns do meu canto o incenso.

Se o som que escuto e que saudoso sôa
 E' meigo idyllio que acordar-me vem,
 Se é um anjo acaso que me chama e vôa,
 Meu anjo, espera ! eu quero ir tambem !...

—

E a estrella do pastor banhando a fronte
 Nos turbilhões do ar,
 Debruça-se nas nevoas do horisonte
 E espreita o sol e o mar.

Fallam baixinho os labios dos abysmos...
 Pranteia a solidão :
 A folhagem farfalha em paroxismos...
 E' a hora da oração.

Treme das grotas a enlutada lyra
 Das sombras entre o véo...
 O insecto geme, o salgueiral suspira...
 Abrio-se um templo—é o céu !...

S. Paulo. 1867.

O BAILE DAS MUMIAS

(IMPRESSÕES DA MEIA NOITE)

Meia noite!... O triste bronze
Suspirou saudoso já...
Além rangeram as campas,
Alguem gemeu... Quem será?
Na ogiva do campanario
Negro mocho solitario
Soltou sangrenta canção...
E a brisa os ares rasgando
Crava os labios, blasphemando
Nas entranhas d'amplidão!...

Tudo é silencio... Nos ares
Feio insecto perpassou ;
Soam gritos, geme o écco
Como um craneo que estalou !
Quem é ? Quem soffre a esta hora ?
Que condemnado é que implora ?
Serão phantasmas de horror ?
Serão almas dispersadas
Das tumbas afugentadas
Inda nas febres do amor ?

Somem-se os astros nublados,
Vela-se a face dos céos,
Surgem caveiras de mumias
Das fendas dos mausoléos !
Como alampadas funéreas
Refulgem chammas aéreas
Pendentes do salgueiral...
No rouco clarim dos ventos
Tremem profundos lamentos
De uma lascivia infernal !

Meia noite ! hora de sangue,
Hora de febres fataes,
Hora em que gemem saudades
Dos tempos que não vem mais ;
Quando os pallidos precitos
Requeimam labios malditos
Em taças negras de fel !
Quando as boccas dos finados
Soltam gritos compassados
Pedindo sangue ao bordel !...

Silencio ! O baile dos mortos
Váe agora começar !
Das tumbas surgem gigantes
Para o tremendo walsar...
Já soberbos se agitaram
Genios que outr'ora habitaram
Neste mundo como nós ;
Por seus cabellos poerentos
Os vermes passeiam lentos
—Requintado adorno atroz !...—

Em torno á torre da igreja
Onde resa o furacão,
Negreja o bando agoirento
Das aves da escuridão.
Erguidos, ébrios, sedentos
Os phantasmas macilentos
Arrastam trêmulos pés...
E o morcêgo agita as azas
Por sobre as lapidas rasas
Como o archanjo do revéz!...

Rompe a orchestra, o baile rompe,
A tempestade assobia ;
Giram nas walsas os vultos,
Arde a febre, vive a orgia !
Bem como um bando de gralhas
Passam nas brancas mortalhas
Os convivas do festim ;
E as grutas fuudas, rasgadas
Respondem com gargalhadas
Ao som da orgia sem fim !..

«Avante ! avante consocios !
 Genio das trévas, dansáe !
 Bebei nos craneos quebrados
 Rubro licor, e folgáe ! »
 Então, n'um vórtice enorme
 Gira doida a massa informe
 Dos convivas sepulchraes...
 Reboam, sobem os gritos,
 Fumegam lumes malditos
 Nas grimpas dos pinheiraes !

Dansam as hostes dos genios...
 Byron dança—o colossal
 Gigante das tempestades
 Segredando ao vendaval !
 Grande, immenso, redivivo
 Shakespeare dança altivo
 Enchendo a vasta amplidão...
 Do mar ao surdo ribombo
 Dança orgulhoso Colombo
 Partindo os raios co'a mão !

E o Dante—pallido, immenso—
 Quebrando as campas co' os pés,
 Pelos cabellos sacode
 Do inferno as furias cruéis !...
 E depois, funéreo... ingente
 Salta Gøthe omnipotente
 Com mais dois vultos além...
 Silencio, abysmos !—são elles...
 —E' Fausto e Mephistophéles
 Que ao baile voam tambem !...

E as damas funebres dansam
Com redobrado fragor !
Com Petrarca dansa Laura,
Com Tasso dansa Eleonor !
Romêo conduz Julietta...
Com Camões—laureado athleta,
Vem Catharina ao festim...
E sobre as frias alfombras
Saltam ainda mil sombras
Dessas phalanges sem fim !

Ruge a orgia. Tristes, graves,
Fendendo as ondas de pó,
Homero e Milton—dois cégos—
Não dansam, não, surgem só !
E depois, grandes, risonhos,
Em negros corseis medonhos
Dos seculos rompendo o véo,
Ambos elles transportados
Vão como que arrebatados
Cravar estrophes no céu!...

Redobra o baile das mumias,
Gritam as ondas além...
Passam, repassam as sombras
Em furibundo vaivem !
Soam lugubres trombetas ..
Debatem-se as nuvens pretas
—Féras do espaço a rugir!—
Das fauces negras do abysmo
Rompe, salta o cataclismo
Que ameaça o baile extinguir !

«Bravo ! bravo ! » diz o vento ;
Grita o trovão—«muito bem ! »
Os cyprestes batem palmas
Como applaudindo tambem...
Sôa o rufo... A festa augmenta...
Deus sobre um raio se assenta
E vem nas tumbas poisar !
Batem nas lousas os craneos,
Somem-se os vultos titaneos
Arde em fogo o lupanar!...

.

E as nuvens pávidas, trémulas
Deitam depressa a correr...
Medroso o trovão ao longe
Váe gaguejando morrer...
É os morcêgos espantados
Fógem, correm dispersados
N'uma carreira sem fim ;
E sobre as torres pousadas
As corujas debruçadas
Espreitam esfomeadas
Os destroços do festim!...

S. Paulo—1867.

A CRIANÇA ADORMECIDA

Silencio ! A infancia adormecida sonha
Dorme a creança em braços d'almo gosto,
—Meigo sorriso lhe moldura os labios,
Bafejo angelical lhe banha o rosto.

Dorme, ó anjo de Deus ! Os eurus saltos
Que agora passam perfumando o ar,
Levam no dorso seu tepido e brando
Teu doce respirar.

Talvez que agora descuidosa passes
Por sonhado vergel d'outro planeta,
Sugando o mel das matutinas flôres,
—Doirada borboleta !—

Levada ao sópro d'innocente aneio,
 —Implume beija-flôr, sorris dormindo ..
 Tál entre a verde cópa a olente rosa
 Risonha váe-se abrindo.

Sonha, loira creança ! A brisa passa,
 A flôr desbrocha, as folhas murmurejam...
 Sereno é o lago, as aves esvoaçam
 E os anjos te festejam.

Salvè, sublime emblema da innocencia !
 Banha-te a fronte a luz d'ignoto astro...
 Ah ! como é bello esse teu berço puro,
 O' anjo de alabastro !

Silencio ! A infancia adormecida sonha...
 —Alva pluma perdida no horisonte—
 Meigo sorriso lhe bafeja os labios,
 Doçura angelical banha-lhe a fronte !

Tu dormes... Tal no lago crystalino
 Dorme ondina que o vento hade agitar,
 Tal da flôr no thuricremo palpita
 Mysterio de encantar...
 O' astro de bonança
 Porque te agitas ? dorme,
 Suavissima creança !

Não a acordemos, não... Tudo é silencio...
Perpassa em torno a si clarão divino,
Cercam-lhe o berço as azas d'alvas pombas
E Deus lhe entôa um hymno.

Oh ! deixem-na sorrir. As auras brandas
Beijam a flôr do val, treme a folhagem,
E embala o berço da menina languida
Dulcissima bafagem.

Não a desperte agora o som da tarde
E o ultimo clarão do estivo sol ;
Manda-lhe a natureza agora um canto
Nos raios do arrebol.

Expandida no céu su'alma vôa...
Lêda a dormir a terra abandonou ,
E ella tem de acordar... Meu Deus, no lago
A brisa perpassou...
Já se balança a ondina,
Não te perturbes... dorme,
Suavissima menina !

Silencio ! A infancia adormecida sonha.
Dorme a creança em pura languidez ;
Sorriso angelical banha-lhe o rosto,
Doce raio de luz banha-lhe a tez.

Desmaia o sol o seu clarão fulgente,
Densa névoa já cobre a serrania,
E perpassa no bosque, entre a ramagem,
O som d'ave-maria.

—Flôr que desbrocha ao sol do mez de agosto
De muda sensação n'um doce somno,
Tal te expandes tambem em mago enlevo
N'um placido abandono.

Teu brando respirar todo se mescla
Da doce tarde á emanção divina !
Alva rosa do céu ! por ti já canta
A aragem vespertina.

E as estrellas no céu—sylphides d'oiro—
Sonham co' a flôr desses teus labios finos,
E nos perfumes das violetas candidas
O céu desfaz-se em hymnos !

Tu dormes .. Tal á sombra do presépe
O Deus menino repousou tranquillo,
Tal dorme em peito de escolhido gerio
Das glorias o sigillo.

Tal dorme a nivea pomba entre os odores
Da verde selva—de seu ninho á beira,
Bem como em alvo calice—o perfume
Da flôr da lorangeira.

Silencio ! A infancia adormecida goza.
Talvez busque a correr visão fugace...
Nectareo riso lhe esclarece os labios,
Halito doce lhe perfuma a face.

Como a esponja embalada ao som da iarde
Aos perfumados beijos do ambiente,
A menina oscillante em almo sonho
Se embala docemente.

E ella semelha agora neste somno
—Alabastrino vulto entre aureos lumes,
Alva imagem de um sonho arrebatada
Em ondas de perfumes !

Verde folha no mar boiando atôa
Calma e feliz ao tom da viração ;
—De branca rosa titubante pétala
Ao céu levada em beijos d'illusão !—

E ella tem de acordar... Além no bosque
Doce mysterio ás folhas segredou...
Já canta a natureza, as aves cantam,
E a brisa já frisou
Do quêdo lago a ondina
Oh ! não te acordes, dorme.
Dulcissima menina.

Eu guardo o berço teu, canto-te trovas
E n'um suspiro te acalento o somno...
A' luz crepuscular, ao som dest'harpa
Sonha, ó anjo, em teu placido abandono !

Dorme, ó ave de Deus! Sorri-te aos anjos
Por entre os aureos frocos do horizonte :
Sagrados beijos te derramam luzes,
Perfume d'âmbar te rodeia a frente!

Dezembro. 1867.

PRECITO

• • • • •
Foi poeta e sonhou. Uu dia veio a morte
Em nevoas envolver seu lucido ideal ;
Deu prantos á illusão, blasphemias para a sorte,
—O peito êrmo e gelado, a ideia sem fanal !—

Sempre tristonho e mudo. O vulto da pobreza
Beijara-o muita vez, deixando em seu tropel
O infinito da dôr, o abysmo da tristeza,
E espinhos para a frente, e para os labios fel.

Pobreza, amor, saudade—os gozos de sens dias,
Tres gritos infernaes nas trévas d'afflicção,
As tres notas fataes de um canto de agonias,
Tres viboras crueis mordendo um coração !...

Quando as noites são bem tristes,
Quando ruge a ventania,
Pelo plainos dos desertos
Passa o som de uma agonia...
E depois, fundo, gemente
Um grito longo e plangente
Desmaia pela amplidão!
O mocho agita a folhagem,
E assoma ao longe a miragem
De sinistra aparição.

Sobre os hombros traz pendido
Da bruma o rôto lençol;
Banha-lhe a fronte nevada
Da noite o livido sol...
O bosque falla baixinho
Quando elle busca o caminho
Que ao cemiterio váe ter;
E o fogo azul das luzernas,
Quaes funerarias lanternas
Vê-se mais vivido arder.

Mas do espectro sobre os labios
Paira um sorriso fatal...
—Cabellos sôltos ao vento,
Nos olhos chamma infernal!—
E prosegue altivo e forte
Como o phantasma da morte
No seu imperio de horror...
Se o raio passa bramindo
Elle o saúda sorrindo
Da tempestade ao fragor!...

Deixáe-o !... Do pobre doudo
Quem quer a historia saber ?
—Precito informe na terra
Que respira... sem viver !—
Negra historia de pezares,
Batel perdido, dos mares
Na medonha escuridão !
No peito—a dôr que consome,
Em torno—os gritos da fome,
Além—a voz da irrisão !...

Quando por entre as neblinas
Elle passa a suspirar,
O frio vento dos êrmos
Já não o faz recuar...
E' que elle sente em su'alma
A sêde horrivel da calma
De eterna febre a pungir !
Perdendo o olhar nos espaços
Ergue a frente, estende os braços
—Satanaz sempre a sorrir !...—

No templo augusto da morte,
Da meia noite ao bater,
Quando a sombra dos finados
Vê-se das tumbas erguer...
O pobre louco prostrado
Junto a um tum'lo isolado
Murmura ardente oração ;
E ao longe, depois, perdido
Passa o écco dolorido
Desta saudosa canção :

«Passáe, ó dias lugubres,
 Fugi, horas sinistras !
 Longe de minhas vistas
 Noites de dôr, correi !
 Banhe-me o rosto pallido,
 No effluvio da esperança,
 Um beijo teu, creança,
 Que é tudo o que sonhei !...»

.

Depois ainda pelo bosque espêsso
 N'um grito errante a suspirar sem fim,
 Rasgando as franjas d'alvacenta bruma
 Suprema endecha retumbava assim :

«Dorme, ó meu anjo ! Peregrino exanime
 Eu chóro á beira de teu leito umbroso
 Bem como a rôla n'um suspiro funebre
 Chora saudades do perdido esposo.
 As meigas rosas do viver de outr'ora
 Em tristes goivos se tornaram já,
 No chão da vida só diviso agora
 As rôxas flôres que o sepulchro dá !

«Sobre esta lagem que te occulta gélida
 Dorme o meu sonho de um porvir brilhante
 —Fulgida estrella que extinguiu-se rapida,
 Folha que o vento arremessou distante !
 Por isso eu hoje abandonado e triste,
 Vulto sombrio de funéreo olhar—
 Na fria tumba onde teu resto existe
 A luz da vida intentarei deixar !...

«Dorme, que o bosque te acalenta trémulo,
 E eu vélo aqui teu socegado somno ;
 Ao longe passa o sussurrante osculo
 Dos môrnos labios do gentil outomno.
 Si a ave implume do sertão deserto
 Abrigo encontra no materno amor,
 Deste meu peito que aqui tens tão perto
 Terás abrigo no fatal calor.

«Bem como fogem na espiral dos zephyros
 Doces perfumes de uma flôr agreste,
 Assim tu foste, illuminando os páramos
 Encher de aromas a mansão celeste !
 E a lua argentea que no céu passeia
 Intenta embalde te encontrar aqui,
 E o mar que eterno a soluçar anceia
 Perturba o êrmo a suspirar por ti !...

«Dorme, que as rosas do sertão perfumam-te
 E ave nocturna que passou carpio ;
 Dorme, que a lua a perpassar pranteia-te
 E eu beijo a lagem de teu leito frio.
 Ai, quando a morte enregelada esqualida
 Cortar-me o fio de tamanha dôr,
 Sangrentos laivos desta fronte pallida
 Serão as lendas deste triste amor !

«Dorme, que ao som de luctuoso cantico
 Derramo prantos junto á lousa tua,
 Bem como o espectro de um soffrer sem término
 —Banhada a fronte no pallor da lua...
 Mas de que serve este viver sem flôres ?
 Phantasma errante, que procuro mais ?
 Oh ! basta, basta de cruentas dôres,
 Suspende, ó morte, meus doridos ais !...»

.

E um baque horrível de tombado craneo
Do mórno espaço a quietação quebrou,
E um jorro ardente de queimado sangue
A fria pedra sepulchral banhou !

Nos sons carpidos do orvalhado vento,
—Funebre orchestra na extensão do val,—
Passou nas azas de crueis angustias
Magoado harpejo de um soffrer final.

Pelas quebradas da montanha immensa
Passava a brisa matinal então,
E foi deixando na carreira doida
N'um écco extremo a funeral canção !...

S. Paulo. 1868.

ALLÉGRO

O' flôres ridentes de um tempo passado,
Nos campos dos sonhos de novo brotáe.
Que eu quero ditoso, de amores banhado
 Contar-vos ternuras
 Nos quêbros d'um ai.

Cercáe-me de novo, perfumes das selvas,
O' mysticas vozes de éthereo cantar !
Erguei-vos facciras, florinhas das relvas,
 Fallae-me chorasas
 O' brisas do mar !

O' aves dos bosques ! cantores d'aurora,
Cantáe as bonanças do lêdo porvir,
Que eu quero expansivo nas crenças d'agora
N'um leito de flôres
Contente dormir.

Donzellas mimosas de um sonho doirado
Alegres, festivas, chegáe-vos a mim,
Que eu quero na chamma do anhelado abraçado
Queimar-vos na febre
De um beijo sem fim !

O' tépidos labios da mórbida noite,
Em ondas banháe-me de magico odor ;
Celeste perfume de leve beijou-te...
Pois beija-me a fronte
Que soffre de amor.

Gorgeios da gruta, silencio ! que eu quero
Ás scismas da lua meu canto tecer...
As flôres perfumam a arêna onde impéro...
O' genios da noite
Deixáe-me gemer !...

S. Paulo. 1867.

LUZ E FLORES

Rasgando as ondas de sidereos combros
Resvala o sol em turbilhões de luz.
O bosque acorda sacudindo os hombros
E as brisas descem dos vergeis azues.

O céu é puro, as virações palpitam,
Sobem perfumes na espiral das brumas...
Na areia o mar já não vomita espumas.
Porque no abysmo os temporaes dormitam.

Pelas quebradas do florido monte
Já soam éccos de divino harpejo,
Mais bella oscilla a natureza a fronte
Da primavera ao perfumoso beijo !...

A' selva immensa que se expande viva
Falla de amor a jurity plangente,
E a abelha morde com lascivia ardente
Da flôr os labios d'onde amor deriva.

Tudo desperta em celestial delirio...
Cantam as virgens festivaes, ruidosas,
Pede um suspiro a borboleta ao lyrio,
Tremem de amor os colibris nas rosas.

Dos lagos mansos nas ondinas cérulas
Molham as azas as nevadas garças,
E as góttas d'agoa saltitando esparsas
Semelham bagas de preciosas perolas !

Bebem febrís as borboletas bellas
Philtros de amor no rebuçado lyrio,
E a tarde arrasta turbilhões de estrellas
—Flôres que nascem pelo chão do Emyreo !—

Da lampa ethérea ao fulgurante lume
Da terra irrompe o divinal encanto :
—Harpa amorosa onde resvala um canto,
—Amphora immensa a trescalar perfume !—

Crepita a ideia, a inspiração soluça,
O amor é grande porque o sol é ardente,
E a argentea flôr que o laranjal debruça
Beija o arroio a suspirar tremente.

Rosada nuvem preguiçosa passa
Nos vastos campos de azulado manto ;
Fulgidas gôttas de celeste pranto
Brilham nas rosas com sublime graça.

O som perpassa de festivos hymnos,
Namora a brisa o desbrochar da flôr,
Gorgeiam aves requebrados thrinos,
Bafeja o mundo a viração do amor !

Na flôr da noite onde doudeja a lua
Passa ao de leve a convulsão de um beijo,
E a ideia sonha em vaporoso adejo,
Douda odalisca vaporosa e núa !...

E os anjos saltam dos harens celestes,
E os beijos tremem nas rosadas boccas,
Rasgam convulsos fluctuantes véstes
Fogem cantando nas orgias loucas !

Deus tange a lyra pelos ares quêdos :
Uma das cordas—a floresta—treme,
E a outra—o mar—eternamente geme
Das auras doudas ao roçar dos dedos !

Tudo é risonho quando a aurora acorda,
Tudo é silencio quando a noite desce...
A mente sonha, a inspiração transborda,
E o céu se expande porque escuta a prece.

.

E aos sons divinos que extasiado ouço
Sinto as delicias que sentio Saul...
—Bemdito sejas, meu sonhar de moço!
—Bem dita sejas, primavera azul! ..

S. Paulo. 1869.

—

3. PARTE

AO AMIGO E COMPANHEIRO DE TRABALHOS

JOSÉ FELIZARDO JUNIOR

AGONIAS

Será peccado o pensar
Que te amei... Mas posso eu mesmo
Minha ideia dominar,
Esquecer-te e rir-me a êsmo
E alegre e livre brincar ?
Anjo, não posso fazel-o,
Ai, não, que eu sinto sangrar
Meu peito em crúa anciedade...
—E' amor, paixão, é zêlo,
E' dôr, é morte... é saudade !

Onde estás? Falla, responde.
Manda na brisa um suspiro...
Diz-me onde estás, diz-me aonde,
Não vês que eu choro e deliro?
Falla, diz-me—«eis-me, poeta,
Comtigo a tumba prefiro...»
Mas... doudeja a ideia inquieta,
Nada vejo! Em meu cansaço
Só diviso o êrmo... o espaço!...

Na floresta geme o vento
Que passa em rispido adejo,
E a fria voz do tormento
Vem-me acordar um desejo...
Saudades de um sonho findo,
Saudades talvez de um beijo,
De um amor, de umas caricias,
De um passado sentimento,
De apaixonadas blandicias,
De uma aurora rosielér,
De umas doces puericias...
Saudades de ti, mulher!
Saudades de ti, querida,
Saudade cheia de amores,
Saudades daquella vida
Naquellas noites de ardores.
Saudades das harmonias,
E daquelle teu sorriso
Quando faceira entendias,
N'um meu olhar requeimado,
Grito de anhelos indeciso
Doudejante pelo espaço
Em busca do paraiso...
E eu afflicto, allucinado,
—Já rendido o coração—
Me entregava abandonado
Ao bravejar da paixão!...

Aquella lenta agonia
Mais uma vez quem me déra...
E aquella arfar de poesia,
E aquella doce chiméra !
E aquelles meigos ruidos,
E os suffocados gemidos
E aquella offegante mêdo
Do mundo a espreitar além...
Ai, todo aquelle segredo,
E os ais, e o pranto tambem...
Mas onde estás ? dize... falla,
Vale-me nesta anciedade
Que isto que eu sinto a matar-me
E' dôr, é ancia, é saudade !...

Saudade—fél de torturas !
Saudade—chamma do inferno,
Negro espectro das tristuras,
Féro algoz de um peito terno !
Archanjo das sepulturas
Oh ! mata-me já ! Não posso...
Vacillo ao pêso das dôres...
Morra, embora bardo e moço,
Quem já não póde co' a febre
Desta agonia de amores !...

E' morte lenta a saudade
Quando ella falla de amor...
Embalde occulta a verdade
Quem já nasceu peccador.
No alvorecer desta idade
Ha na illusão magestade,
Oh ! não se foge á illusão...
Sonha-se o gôzo—sedento,
E aos pés da mulher que amamos,

No delirar da paixão,
 Depômos n'um só momento
 —Lyra, porvir, coração!...—

Ai, que saudade ! Não posso
 Já viver sem ti, mulher !
 Minh'alma ardente de moço
 Já nem palpita siquer...
 Tudo o que vejo é sombrio,
 Nada posso alegre vêr !
 Já não gózo, não sorrio,
 Já me pésa este viver...
 Onde estás ? Dize-me aonde,
 Vem acalmar minha dôr...
 Onde estás ? Falla, responde,
 Rosa de magico odôr !
 Oh ! vem dar-me, anjo mavioso,
 Junto a ti—morte de amor !...

E a brisa passando meus éccos recolhe
 E deixa-os no espaço...
 E prostra-me o corpo, n'um leito de dôres,
 Dorido cansaço,
 Em quanto que alegres balouçam-se as flôres
 E cantam as aves
 Cantigas suaves,
 —Sublimes poemas de infindos amores!...

PALAVRAS AO VENTO

Oh ! deixem-me sonhar ! Eu amo a noite,
Gósto do encanto das tristezas della.
Harpas do mar, trazei-me o som dorído
Do languido gemer de Graziella.

Aves brancas do oceano, abri as azas
No dorso altivo de espumantes vagas !
Frescas brisas do céu—meninas loucas
Varrei-me a febre das secretas chagas !...

Apraz-me ás vezes vêr o céu luctuoso...
Talvez chore de amor nos paroxismos,
Quando os labios do vento entumecidos
Beijam gemendo as flôres dos abysmos.

Oh! noite! sê bem vinda, eu te amo muito!
 Quero escutar teus humidos segredos...
 A lua é triste... a brisa é tão queixosa...
 Pallida treme a flôr dos arvoredos.

Meu Deus! eu quero uns labios que me affaguem...
 Quem a lenda do amor febril me ensine...
 O bosque dorme... as flôres dão perfumes...
 Ouves, Graziella? Eu sou teu Lamartine.

Oh! os sonhos de gloria são chiméras,
 Loucos bafejos de fataes carinhos...
 —Auréolas hoje de viçosos louros,
 Sangrentas c'róas amanhã—de espinhos.

Senhor! eu tenho anhelos de futuro...
 Sonho as palmas virentes do talento;
 Tenho sêde de amor... sinto no peito
 Bater em turbilhão ondas de alento!

De uns labios virgens na incendida taça
 Quêro a febre beber da embriaguez...
 Dormir cantando sobre o seio *della*,
 E feliz desmaiar em pallidez!...

Meiga rosa gentil da primavera
 Onde choram de amor as alvoradas,
 Ouve os meus cantos, minhas glorias todas
 A teus pés quero vêl-as desfolhadas!

Palpita o bosque... A criação soluça,
O amor é a vida... O sol doira a campina...
Falla, Graziella... as brisas do deserto
Banham-te a fronte, ó languida bonina !

Vem, que eu quero aquecer teus labios frios
Nos beijos puros deste amor immenso !
Vem, pallida mulher, minh'alma é um throno,
—Thuribulo o peito meu, meu canto o incenso !...

Oh ! deixem-me sonhar ! Eu amo a noite,
Gósto do encanto das tristezas della...
Vozes tristes do mar, trazei-me os éccos
Do saudoso gemer de Graziella !...

Rio de Janeiro. 1867.

A' R...

Eu vou deixar as merencorias plagas
Onde a taça esgotei dos soffrimentos ;
Tão frio o coração, tão êrma a fronte,
Tanto sonho perdido em dias lentos.

Adeus, adeus! Vou arrojarme triste
Outra vez sobre as névoas do futuro...
E vou—ave sem lar—sorrindo sempre
Gemer n'alfombra de meu ninho escuro.

Adeus eu digo-te! E' chegado o instante!...
Surge o sol do porvir n'outro hemispherio.
Oh! deixa-me partir!.. Eu sonho afflicto
Talvez da gloria o perennal mysterio.

Quando da tarde as vozes melancolicas
Suspirarem do amor o doce mixto,
Quando os teus sonhos relembrares, anjo,
Não te esqueças tambem que eu inda existo!

Adeus ! Tu que és um astro desprendido
Da cupula eternal do firmamento,
Pede a Deus que me guie o itinerario,
Dá-me as flôres da fé e a luz do alento !...

Rio Grande. 1869.

MEDITAÇÃO

Reclina a tarde languida
N'alfombra da collina
A fronte purpurina
Em extase a sonhar,
E o sol—grandiosa alampada—
Que os mundos esclarece
A pouco e pouco desce
Sobre a extensão do mar.

Reina um silencio magico
Nos bosques ; nas campinas...
Agitam-se as boninas
Aos beijos do arrebol ;
Dos amagos das arvores
—Palacios perfumados—
Os sylphos encantados
Despedem-se do sol.

Na selva as flôres húmidas
Saudosas, redivivas
Entregam-se lascivas
Dos sonhos ao ardor ;
E o brando e manso zéphyro
Na insania dos desejos
Afoga a flôr em beijos
—Sultão louco de amor !—

Do bosque á sombra placida
Se expande a violeta,
E a branca borboleta
Poisou... vacilla já.
No laranja! esplendido,
—N'angustia da orphandade—
A suspirar saudade
Gorgeia o sabiá.

E fogem, fogem céleres,
Bem como as creanças minhas,
As doidas andorinhas
N'um vozear sem fim...
E n'um sussurro turbido
Que por além se espraia
A viração desmaia
Nos seios do jasmim.

Só eu inerte e pallido
Ante este quadro immenso,
Só eu padeço e penso
E peço aos sonhos luz...
Raios da tarde lubrica !
Aves do paraíso !
Se sois o amor e o riso
Vinde cercar-me a Cruz !...

S. Paulo. 1869.

SE EU TE AMEI ?

Ah ! se eu por ti chorei? Pergunta ás sombras
Quantas vezes por ti de amor chorei.
Pergunta á branca flôr da laranjeira,
 Ao sabiá dos bosques
 Pergunta se te amei !

Pergunta á jurity se aos threnos della
Meus suspiros de amor eu não juntei...
Pergunta ás virações crepusculares,
 E á fonte do deserto
 Pergunta se te amei.

Pergunta ao som das merencorias tardes
Quantas vezes scismando em ti pensei
Murmurando teu nome. A' estrella d'alva
 Brilhando solitaria
 Pergunta se te amei.

Pergunta á sombra das florestas densas
Quantas vezes contigo ahí sonhei...
Pergunta á flôr do êrmo, ás nuvens áureas,
 Ao genio dos desertos
 Pergunta se te amei.

Pergunta á lua scismadora e bella
Quantas vezes saudoso eu te chamei...
A' terra, ao céo, aos astros ás auroras,
 Ao proprio Christo mesmo
 Pergunta se te amei !

Pergunta ás solidões, pergunta aos anjos
Que sonhos de porvir que acalentei...
Pergunta á treva, á luz, ao mar, aos ventos
 Que eu mesmo, ai ! já não posso
 Dizer-te se te amei !...

1867.

RECORDAÇÕES

Êrma e saudosa a natureza geme...
Perdeu seu manto o laranjal sombrio !...
Como é sentido o soluçar do rio,
E o bosque, o bosque como é triste agora !

Aqui com tigo eu meditei outr'ora...
Ambos aqui a suspirar passamos...
Que amores bellos nós aqui juramos !...
Lembras-te? as flôres despertavam tumidas.

Do bosque denso pelas folhas humidas
Tremia doce o matinal gorgueio...
E a terra arfava de amoroso aneio,
E Deus passava em divinal lampejo !

Lembras-te ainda? ao resvalar de um beijo
Minh'alma toda se entornou na tua,
Bem como entornam-se os clarões da lua
Nos vastos seios do azulado oceano!

Dest'alma ardente no profundo arcano
Dorme a saudade do teu nome, ó bella!
Bem como dorme a scintillante estrella
No leito de oiro do occidente em chammas.

Mesmo distante, meu amor, se me amas
Dize-o á brisa n'um suspiro ao menos...
Eu quero ouvir teus doloridos threnos
Na voz da noite que fluctua e passa.

Na flôr cheirosa de infinita graça,
Na nuvem branca que no céu resvala,
No som da matta que suspira e falla,
Na primavera que estremece e canta,

Em tudo eu vejo a tua imagem santa...
Tudo me lembra o nosso amor, senhora!
Oh! anjo loiro que adorei outr'ora
Porque deixaste-me a chorar no olvido?

A luz me foge... o laranjal despido
Soturna a frente para o chão debruça...
Triste como elle eu gemerei perdido,
Triste como eu a viração soluça!...

S. Paulo. 1870.

LAMPEJOS

Aqui eu me sentei com ella á tarde...
Tinba o sol como agora a mesma luz ;
Havia o mesmo encanto na floresta,
Na voz das auras —mil canções a flux.

Foi aqui que ouvi seu doce canto,
Onde tanto, meu Deus, de amor chorei...
Foi aqui que eu ouvi juras sentidas,
Foi aqui que eu tambem feliz jurei.

Jaz a arvore ali por mim plantada
Naquelle dia de um gozar sem fim ;
Como ergueu-se gigante o pobre arbusto,
Como tornou-se tão frondoso assim!...

Hoje cansado á sombra de seus ramos
Debalde intento repousar feliz...
Se afflicto invoco do passado os dias
Negro mysterio o coração prediz.

E os frouxos ramos do arvoredo bello
Languidos pendem para o pó do chão...
Nelles se embalam funerarias lendas
Se á noite geme o sepulchral tufão.

Creio inda vêr a sua imagem lucida...
Aquelle mesmo celestial perfil !
Creio inda ouvil-a a murmurar sentida
O canto festival de Boabdil !...

Flôres dos bosques, desfolhácvos todas !
Aves das selvas, não falleis de amor !
Já fez-se noite no meu peito frio,
Meu rosto jovem váe perdendo a côr.

Frescas rosas gentis do meu passado
Que descoráes sombrias no abandono,
Porque fugir ao sol das esperanças
E ás doces brisas festivaes do outomno?

Eu quero inda viver ! Talvez que ainda
Da aurora boreal eu beba os raios,
E sobre um collo perfumado e puro
Penda esta fronte em intimos desmaios.

Quero amar e viver : é doce a vida,
O sol da tarde me seduz e encanta...
O astro da gloria festival e grande
Sobre o rubro horisonte se alevanta !

Porque fanar da mocidade as crenças
E dos sonhos do amor porque descrêr ?
O' flôres do porvir ! dáe-me perfumes,
Tenho fé... tenho amor... quero viver !...

Quero viver feliz. Ha tantos risos
Nestes raios de sol dos claros dias !
Porque deixar pender suarenta a fronte
Sobre a treva fatal das agonias ?

Tenho soffrido angustias nesta vida...
Esgotei da tristeza a taça inteira :
Nem um beijo de amor fallou-me aos labios,
Quando eu sentei-me do sepulchro á beira.

Fôra facil morrer... no entanto ainda
Fulge em meu peito a chamma das chiméras,
E ao longe, ao longe nas floridas plagas
Oioço a festa eternal das primaveras.

Adeus, ó selva onde eu gozei com ella
Tantos dias de luz, tanta illusão ..
Causa-me horror o teu aspecto triste,
Não és agora tão formosa, não !

És apenas um vulto entristecido,
Eterna esphinge de saudade e dôr,
A tumba immensa onde rolou finada
A nivea flôr das illusões do amor !...

SOMBRAS

AO POETA E AMIGO—DOUTOR J. X. DA SILVEIRA *

Momentos ha na vida em que medrosa a ideia
Encara vacillante o aspecto do porvir,
—Negro sonho talvez, phantasma que volteia
Em tórno da esperança—estrella a se extinguir.

Grito funebre ao longe a campa nos recorda
Que encobre um santo amor que um dia nos sorrio,
E de noss'alma triste a dolorida corda
Vibra um canto de dôr ao sol que além fugio.

E o vulto da saudade, a sombra do passado
Perpassa em torno a nós carpindo uma canção,
E o mundo nos arroja em vórtice arrojado
Ao êrmo da verdade, á tumba da illusão !

Palpita o coração traíndo em movimento
A angustia que o maltrata, a dôr que o faz sangrar,
E do pranto o orvalhar—rocío do tormento—
Do mundo que sorri não póde se occultar !...

Na febre do anhelar a fronte rescaldada
Encara delirante a abobada de anil...
Palpita a aspiração, murmura a alma abraçada
O supremo gemer de um threno juvenil.

Então—árdida, altiva a fronte sonhadora
Fita em triste sorrir dos prismas o colôr ;
Cáe-lhe por terra a crença—a flôr murcha inodóra,
Cáe-lhe do ardente labio o delirar do amor !...

Amor—nectar vertido em amphora bemdita,
Agua lustral na terra ás dôres mundanaes...
Faúla doudejante ou flamma que crepita
Dos bemditos de Deus nos craneos divinaes.—

A viração da tarde em tremulos delirios
A' flôr enamorada um canto ameno diz ;
—Amor nos manda o céu qual balsamo aos martyrios
Mas de balde o procura o pallido infeliz.

Abraçado á illusão o bardo pede o alento
Dos labios da mulher ao magico fruir...
—Arco-iris que brilha apenas um momento,
Meteóro que passa em rapido fulgir !—

Cansada de sonhar, su'alma abandonada
Procura reclinar-se á sombra da soidão...
Mas sempre ahi encontra, e sempre, e mais cerrada
De invencivel tristeza a densa escuridão !...

Livida a face já, o olhar embaciado
Já não divisa mais das crenças o fanal...
Resta-lhe por martyrio—um grito do passado
—Tripudio de agonia em douda saturnal !—

Cala-se o som do riso, a lyra já quebrada
Rende tributo amargo ao fado seu cruel...
Sómente no ar adeja—em nota enregelada
Dolorida canção de afflicto menestrel.

Moribundo a boiar no oceano do abandono
O bardo vê passar a infesta geração ;
Contempla o festival sorrir do meigo outomno
E estala-lhe no labio o rir da maldição !

Nas vigílias febris prostrado de cansaço
Escalda-lhe a cabeça a febre só de afan.
Já não vê na mulher—a luz do immenso espaço,
Rosa branca embalada aos beijos da manhã,

Já p'ra elle a mulher não é qual d'antes era
—Escondida violeta á sombra da illusão,
Estrella matutina em céu de primavera,
De doce cantilena eterna vibração !

E' triste o meu viver. Não gózo de um só dia
Que não sinta o marasmo as crenças me tolher...
Já não me afaga a alma o sonho da poesia,
Já não me impelle o gosto á senda do viver.

Negra nuvem me cerca. A voz do desalento
Murmura-me incessante a nenia do pesar...
Sangra em meu frio peito a chaga de um tormento
E sinto est' alma já sem fogo para amar !

Poeta—tive um dia a crença do futuro,
—Aurora que enlutou-se ao sôpro do tufão,
Flôr tombada do hastil em negro lago impuro,
Folha verde arrojada aos limbos d'amplidão !

Já sorri á esperança. A' luz de aurora maga
Bemdisse em minha lyra as rosas do porvir...
Oh ! porque sonhei eu, se agora sinto a chaga
De tristeza fatal, em lugubre dorir ?...

Ninguém descobre em mim nem traços vaporosos
De fatidico arfar, de calida agonia...
Como Byron, não sonho inebriar-me em gozos
Nem peço ao lupanar lampejos de alegria.

Vejo a vida correr do tempo no oceano
Mas não procuro lêr mysterios do existir ;
Sei apenas tão só que a vida é um pêso insano
E que a morte é o clarão da aurora do porvir.

A procella da vida atira-me ao deserto,
O vento do abandono a fronte me resfria...
Quem sabe o que será? Talvez já venha perto
Do meu dia final a lugubre harmonia...

Astro da juventude ! ó luz do paraíso,
Meus sonhos de prazer, porque deixáes me aqui?
Restituí-me o amor, a crença, a fé e o riso
Que nas ondas da vida eu misero perdi.

Momentos ha na vida em que medrosa a mente
Maldiz do trêdo fado o lugubre painel,
E encara do porvir o aspecto repelente
Bebendo da descrença as gôttas d'agro fel!...

E o louco sonhador nas névoas da incerteza
Sólta um extremo ai que o mundo não traduz...
Deixa a lyra dormir aos psalmos da tristeza
E adormece a sonhar sem da esperança a luz!...

S. Paulo—1867.

A

Quando eu te disse o adeus da despedida
Tu pallida ficaste a meditar,
E eu sobre as mãos pendendo a fronte exhausta
Chorei, que importa? se é tão bom chorar...
Que dôr ínsana remordeu-te a vida
Quando eu te disse o adeus da despedida !

Quando affastei-me do teu lar saudoso
Tu ficaste a me olhar de longe e só...
Eu levava comigo o inferno n'alma
—Alma coberta de saudade e dó.
De longe ainda eu te acenei choroso
Quando affastei-me do teu lar saudoso.

Como a imagem de um sonho interrompido
Eu vi o vulto teu se esvaecer
Por entre as sombras dessa casa triste
Onde, pobre mulher, vi-te a soffrer,
Onde em prantos deixei-te, anjo esquecido,
Como a imagem de um sonho interrompido.

Que saudade cruel rasgou-te o peito
Quando a noite assomou, quando a scismar
Olhaste em torno a ti e viste apenas
O sombrio phantasma do pesar !
Quando da insonia te atiraste ao leito
Que saudade cruel rasgou-te o peito !...

Passaram junto a mim brisas queixosas
Na solidão do mar, e eu perguntei :
«Dizei-me, ó brisas, se ella chora ainda,
Se soffre inda por mim, dizei... dizei...»
Mas, na solidão do mar, silenciosas
Passaram junto a mim brisas queixosas.

Naquelle triste adeus da despedida
Vi-te, ó meu anjo, para o céo olhar,
Quando eu co' a fronte em minhas mãos pendida
Chorei... que importa ! se é tão bom chorar...
Oh ! eu deixei-te toda inteira a vida
Naquelle triste adeus da despedida !...

VOZES NO ÊRMO

Tu que me viste a vacillar nos sonhos
Da phantasia entre os sendaes azues,
Humedece-me os labios com teus prantos,
Dá-me do céo dos lucidos encantos
Os diademas de luz.

Ai, meu sonho acabou... Passarò errante
Eu vou fugindo da hibernal manhã ;
Grupa-se a nevoa em derredor dos lagos
E o sol siquer já nem dispensa affagos
 Às flôres da romã.

Minha douda esperança esvaeceu-se
Como um astro perdido n'amplidão...
Como as nuvens doiradas do levante
Como uma jura de mulher amante
Ou rapido clarão !

Quantos sonhos de amor, quantas chiméras^s
Tropeçando na sombra sem fanal !
Os ultimos clarões do sol desmaiam,
As aves festivaes já não se espraíam,
Tão triste é o laranjal !

Antes que o beijo tumular me creste
O doce talismã que eu soube amar,
Desta fronte o viçor que a febre déra,
Deste labio que em ancia amor bebêra
Na taça do aspirar ;

Dá que eu possa, meu Deus, neste alaúde
Saudar cantando o limoeiro em flôr,
Amar inda o clarão dos bellos dias...
Suffocar n'um soluço as agonias
E te adorar, Senhor !

Mas que desejo vão ! A hora é finda...
Já sinistras visões o bosque tem.
Adeja em torno a mim ave de agoiro...
Já no jardim não ha mais pômos d'oiro
E o mar blasphema além.

A noite é torva, a tempestade infrene
 Canta o hymno sangrento das paixões ;
 Passa dolente a monodia pavida
 E minha mente convulsiva e ávida
 Tem mêdo das visões.

Oh ! flôres que alastrâes o chão do êrmo
 Do bosque verde ao sensual rumor,
 Quando os clarões do estio vos bafejam
 E as phantasias nesta mente adejam
 Eu sei viver de amor !

E vós, festivas adejantes flôres
 Que em extase eternal ao céu subis,
 Astros dos céos azues, ó borboletas,
 O' sylphides de luz, doudas, inquietas,
 Loucas ! porque fugis ?

.

Tu que me viste a delirar nos sonhos
 Da phantasia entre os sendaes azues,
 Humedece-me os labios com teus prantos
 Dá-me do céu dos lucidos encantos
 Os diademas de luz !...

CANTO DO CYSNE

Adeus, ó flôres da estação ridente,
Adeus, mysterios que a floresta tem !
Eu sigo o rastro luminoso... ethereo
De um astro immenso que me chama além.
De um molle beijo no sublime efflúvio
Deixo cantando o mundanal paúl,
Saúdo alegre as regiões da gloria
— Nevado cysne sobre um lago azul. —

Verdes balseiras que expandis perfumes,
Brisas que á tarde bafejaes a flôr,
Aves das selvas, verdejantes montes
Doirados sonhos de encantado amor...
Eu sinto agora n'um desejo turbido
Queimar-me o peito uma scentelha atroz !
Dizei-me, ó febre que escaldaes-me a fronte,
Dizei-o, ó sons da esmorecida voz.

Amei os sonhos, as canções perdidas
 Por alta noite nos sertões do mar ;
 Amei as tardes, as manhãs floridas
 E as tristes notas de um subtil cantar.
 No seio olente de gentil magnolia
 Outr'ora um sonho divinal gozei :
 —Labios com labios a estalar um beijo
 —Lago de fogo onde a sorrir brinquei !—

Se eu inda amasse !... Pela onda argentea
 De um gozo infindo resvalára só...
 Ave dos mares—sacodíra as azas
 Do sol das tardes ao doirado pó...
 Nos doces labios de encantadas sylphides
 Sorvêra o nectar do pudor talvez,
 Ébrio de glórias requeimára os labios
 Nas doudas chammas de virginea têt !

Oh ! eu quizéra, junto a um peito virgem,
 Ouvir delirios de exaurido arfar,
 Sentir na fronte o perpassar de um beijo
 —Rosa esfolhada ás virações do mar !—
 Nos puros éstos de um amor nectareo
 Diria adeus ao mundanal paúl,
 Sorríra ás luzes de um porvir de rosas,
 Beijára a alfombra do meu lago azul !...

E eu amo a ondina que soluça e morre,
 Amo estas flôres, este céu .. o sol,
 E os rubros frócos que o poente espalha
 —Sérpes de fogo em perennial crysol...—
 Sinto o desmaio de um desejo cáldo,
 Quero as delicias que os amores dão...
 Ave dos sonhos roçarei as azas
 Na branca espuma de eternal Jordãe !

Adeus, ó pura emanação da tarde,
 Subtis harpejos do meu lago azul ;
 Vou reclinar-me nos coxins de gaze
 Levado ao céu nas virações do sul.
 Talvez que a estrella que scintilla fulgida
 —Garça de luz a se expandir louçã —
 Seja o meu cyrio nos jardins do Eterno.
 Seja um lampejo de boreal manhã.

Adeus... adeus ! Na eternidade ao menos
 Talvez que eu possa me banhar em luz,
 Beber arômas dos jasmims celestes,
 Viver de um sonho que a sorrir seduz !
 Eu vejo. . eu vejo... a eternidade é limpida,
 E' puro o amor, a aspiração—sem fim...
 Divino harpejo me acalenta o somno,
 Murmuram sylphos ao redor de mim !...

Adeus, meu leito de prateada alfombra
 Onde passava a ondulação do sul...
 Lago dormente em que pousei, bem como
 —Góttá de aljófar sobre campo azul !
 O' sol da tarde, refulgente tunica
 Que eu beijo agora nos transportes meus,
 Já sinto a morte embaraçar me o canto,
 Treme-me o peito... já vacillo... adeus !. .

S. Paulo. 1868.

LYRA CONVULSA

A' H...

Oh ! não queiras ouvir meu canto rude,
—Notas convulsas de enlutado peito ;
Funesto é o som do murmurar do abysmo,
Sinistra é a voz do temporal desfeito !

Tu me encontraste á beira do caminho
—Lyrio sem viço, uma manhã sem luz,
Pávida sombra tateando a mêdo
A estrada immensa que ao porvir conduz.

Eu amo ouvir o sepulchral idyllio
Que na sombra da noite se alevanta !
Gósto da estrophe do estrugir do raio,
Canto tambem se a tempestade canta !

Apraz-me a insania do convulso oceano
Urna dos seculos a oscillar no espaço...
Amo os suspiros do infeliz que geme,
Os gritos longos do gemer do Tasso!

Quando a noite boceja em torno ás tumbas
E as nevoas passam coroando os montes,
Quando o vento fustiga as penedias
E o corisco saúda os horisontes,

Eu, phantasma da sombra, errante, ousado
Affrontando o bramir dos cataclismos,
Pendo a frente suarenta e me debruço
Sobre as asperas bordas dos abysmos!

Se canto, o raio n'um sarcasmo insano
Quebra meu canto da cadencia em meio,
Se durmo, a treva—a veladora horrivel
Une-me a frente ao tenebroso seio!

Da vida a estrada para uns tem flôres
E para outros tem sómente abrólhos...
Uns passam a sorrir—lêdos convivas,
Outros cégam com pranto a luz dos olhos!

A uma margem da estrada as rosas crescem,
E é junto a ellas que tu váes cantando
Em quanto que eu febril, raivoso, louco
Vou por antros fataes me despenhando!

Oh ! não queiras ouvir meu canto rude
E' bom deixal-o reverter no peito...
Funesto é o som do murmurar do abysmo,
Sinistra é a voz do temporal desfeito !

Tu que me viste exanime na estrada
Da nevoa envólto nos sombrios mantos,
Tu que sabes saúdar o amor e a vida
Ave d'aurora ! embala-me em teus cantos !

S. Paulo. 1870.

DEVANEIOS

Brilha o sol. Nos campos humidos
As flôres rebentam bellas...
E as flôres sonham co' as brisas,
E as brisas brincam com ellas.

Ébrias, em bando festivo
As borboletas do prado
Vão talvez loucas correndo
Atraz de um sonho doirado.

Dos alados camponezes
Retumba a alegre canção,
E á sombra amêna do bosque
Cresce a rosa do Japão !...

A flôr e o Euro desmaiam
Na convulsão dos desejos...
Diz a flôr—«eu sonho amores,»
Diz o Euro—«eu dou-te beijos ! »

E o sol—vaidoso ciumento,
Louco da sêde de amar
Em cada beijo que imprime
Faz crateras rebentar !...

Doce hora! As flôres debeis
Temem do amor o perigo...
Tudo vive... tudo sonha...
Só tu não sonhas comigo !...

EU E ELLA

Amei... ella me amou... fômos ditosos.
Na ardente taça de seus labios bellos
Minha sêde febril matei em beijos !
Escutei seus suspiros eloquentes
Debruçado em seu collo, como o abysmo
Que escuta a voz das virações que passam.
Confundi minhas lagrimas co' as suas,
Escondi minha fronte em seus cabellos
E morri de paixão sobre o seu seio !...

Vós almas frias, corações de gêlo,
Vós que não me entendeis, rasgáe meu canto.
O amor, o amor é assim ! Que importa o resto?
Que importa o crime quando o amor o exige?

.

Pobre mulher ! Um dia quando afflicto
Procurei-a no êrmo, ella saudosa
Envolveu-me na sombra de seus olhos
E acordou-me no peito o atroz remorso !

Quando eu me ajoelhei diante della
Junto do altar onde se erguia o Christo ;
Quando já não havia na minh'alma
Uma réstea de alento, quando eu—misero
Chorei, qual chora agonisado infante,
Murmurando—perdão... ella em silencio
Sua mão me estendeu, colando os labios
A' fronte divinal de uma creança...

HORAS DE DOR

Tristes correm-me os dias. Frio vento
Murmura-me a carpir funereo canto
 No horror da solidão ;
Falla em meu peito a voz do desalento,
Queima-me os olhos da saudade o pranto
 Senhor ! eu clamo em vão !

Nem um som de prazer. . Se acaso escuto
Da gigante floresta o rumorejo
 Envolta em mar de luz,
O'lho em torno de mim—jaz tudo em luto,
Ergo os olhos além e apenas vejo
 —Um cypreste e uma cruz !

Embalde peço á emanação d'aurora
Raios de sol de enamorados dias
E sonhos de porvir...
Na minha frente que o soffrer descora
Passa o beijo febril das agonias
Palpitante a rugir !

Embalde peço inspiração candente
Quando se expande alegre a natureza
Nos leitos do arrebol...
Gêlo de morte resfriou-me a mente
Pendida agora em sepulchral molleza
Sem doce luz de sol.

Nem um som de prazer. Se acaso passa
Aura saudosa que cantando corre
Nos campos d'amplidão,
Penso ouvir um preludio de desgraça
Ou fundo grito de um prazer que morre
Na estrada da illusão !

E os dias vão-se assim... Funéreo e lento
Perpassa junto a mim nefasto canto
Lacrimoso a gemer.
Prostra-me a alma a mão do desalento,
Banha-me os olhos da saudade o pranto...
Fôra melhor morrer !...

Que é feito do passado ? Almo lampejo
Que tremulo fulgio n'um sonho baço
E rapido passou...
Fragil sussurro de aspirado beijo
Que arrojado tufão quebrou no espaço
E o raio exterminou !...

Um sonho que rolou na eternidade,
 Sinistro estremecer de fado insano
 Na treva a soluçar...
 Depois—flôres no chão... atroz verdade,
 As cinzas frias do fatal engano,
 O deserto... o pezar...

Quanta noite perdida, quanto sonho
 D'infinda aspiração, d'aureo futuro...
 Que lucidos phanaes !
 O que me resta agora ?—Um céo medonho,
 Uma esp'rança a morrer em leite impuro,
 Um grito e nada mais !...

Oh ! deixemos o som das agonias
 Interromper gemente o som festivo
 Dos páramos azues ;
 E' bom chorar... O pranto tem magias ..
 Uma gôtta de pranto em rosto altivo
 E' um turbilhão de luz !

Deixemos segredar pelo arvoredó,
 Das auras do sertão loucas de amores,
 Os harpejos subtis...
 Na vertigem da dôr quero em segredo
 Relembrar uma a uma as minhas dôres
 E os sonhos juvenis.

Além daquella immensa serrania
 Fôge com a brisa o cantico funéreo
 De tristeza sem fim...
 —O resvalar talvez de uma agonia,
 A palpitante estrophe do mysterio,
 Um adeus para mim...

E triste e mudo, desvairada a fronte...]
—Lyrio arrojado em terra sem socorro
Desbotando no chão,
Fito saudoso as brumas do horizonte
E como o nenuphar desmaio e morro
Nas garras do tufão !

Oh ! nada póde consolar-me agora !
Tudo em redor de mim é êrmo e mudo...
Nem um som de prazer !...
Conto um anno ao soar de cada hora...
Só vejo sombras sepulchraes em tudo...
Fôra melhor morrer !...

Oiço nos sonhos meus um ai tão triste...
Talvez de um anjo que suspira e implora
Um amor como o meu !
Mas se pergunto ao céu se o anjo existe
No escuro salgueiral o vento chora
Como em treva o atheu !

E assim vão-se-me os dias ! Triste e lento,
De um sudario embuçado em negro panno,
Passo errante e sombrio !
Quebra-me a alma a dôr do desalento...
—Sou como um corpo que boiou no oceano
E á praia rolou frio !

Meu Deus ! se eu mais não heide vêr um dia
Raiar benigna estrella no horizonte,
Nem mais a luz do amor ;
Se hade tanto abater-me esta agonia,
Que venha a morte bafejar-me a fronte...
Antes morrer, Senhor !...

HELENA

Foi n'uma noite... A lua scismadora
Triste beijava os vidros da janella;
Em derredor de nós tudo era êrmo...
—Brincava a brisa nos cabellos *della*.

Flôres havia em tôrno... Um lago em frente;
Em nossos peitos um vulcão acceso...
Gemiam brisas harmonias doces
Como um sonho de amor de Pergoleso.

Trajava Helena o seu roupão de escossia
Menos alvo talvez que o seu semblante...
—Sôltas aos hombros as madeixas negras,
Rubro de febre o labio palpitante!—

Aos céos erguidos os seus negros olhos
Liam talvez nas laudas do infinito
—Sonhos rosados como um céu de aurora,
Lendas divinas de um sonhar bemdito!

Depois ligeiros a sorrir descemos
A escada do jardim... Tudo era quêdo !
Da noite as flôres sacodindo as amphoras
Perfumavam as tranças do arvoredo.

Fresca, verde folhagem por alfombra,
E por docel um céu de jasmineiros,
E eu soletrando com avidez os cantos
Do poema dos seus olhos feiticeiros !...

E fallei-lhe de amor... Ella tremente
A perfumada mão, em doce aneio,
Passou languida e triste em meus cabellos
E a fronte reclinou sobre o meu seio !

As verdes folhas murmurando trémulas,
Como que a mêdo a criticar de nós,
Pareciam dizer ás brisas sôltas :
—Que fazem elles esta noite a sós?—

Fômos depois retribuindo abraços,
Do manço lago nos sentar á beira,
Onde escutei de seus divinos labios
Doces protestos pela vez primeira.

E a noite ao longe murmurava queixas
No fundo seio de um silencio augusto,
E o som sem fim das gargalhadas nossas
Vinha sinistro nos transir de susto.

Quantas vezes no jaspe de seu collo
Loucos passaram meus olhares castos...
Como era lindo o seu roupão de escossia !
Como eu beijava os seus cabellos bastos !

E nessa noite de perfume e gozo
Talvez sonhando voluptuosa a lua,
Por entre as rendas do roupão de Helena
Beijos bebia em sua espadua núa !

Quando, porém, sua mão pequena e alva
Beijei febril, e meus olhares fundos
Sobre os della pousei... romperam sonhos,
Rasgaram-se ante nós milhões de mundos !

E as folhas verdes farfalhavam lugubres...
Gemeram brisas com feral tristura,
Tremeu de ciume o céu, quando os meus labios
Febrís crestaram de seu seio a alvura !

.

Ao fim de duas horas fômos ambos
Um ao outro abraçados caminhando,
Com os nossos risos de alegria immensa
As adormidas aves despertando.

E os florescidos ramos do caminho
Como servos humildes se curvavam
Quando Helena passou, e em seus cabellos
Perfumados suspiros desatavam !...

Subi depois com ella a escada breve...
No tapiz do salão batia a lua...
Tomei a mão de Helena... era tão fria !
Que pallidez, meu Deus ! na fronte sua !

Conduzi-a depois mudo... tremendo
A' solidão de sua alcova azul :
—Frios eram seus labios aos meus beijos
Como os flocos argenteos de Friul !...

Sobre o seu leito me assentei com ella,
Leito que agora abandonado está...
Pela janella em frente a aragem humida
Trazia-nos o odôr do resedá.

Quando eu lhe disse o adeus para deixal-a,
—Insano sonhador, fronte insensata—
Ella entoo saudosa em seu piano
O acerbo suspirar da Traviata !..,

—

Mas ai ! quando depois as flôres todas
Da primavera amena se finaram...
E quando aos campos merencorios, pallidos
De novo os ventos hibernaes voltaram,

Fui vêr Helena... Os seus creados tristes
Mandaram-me subir... Tremi de mêdo !
Era uma tarde fria mas serena :
Já não haviam flôres no arvoredos.

Sobre a sua cadeira de balanço
Eu a vi reclinada em morbidez :
—Os olhos já sem luz, pobre creança !
Era um cadaver já na pallidez.

Junto á janella contemplava triste
O esmorecer do sol além do monte,
Talvez saudosa recordando um sonho
Nos raios furta-côres do horisonte !

Ao vêr-me estremeceu... Corri a ella
E as descarnadas mãos beijei-lhe afflicto...
Rolou-lhe inda uma lagrima na palpebra,
Ambos soltamos lacerante grito !...

«Pobre creança ! disse ella anciosa.
Eu te esperava aqui com tanto afan...
Quero dizer-te adeus... o sol me espera. .
Váe raiar para mim outra manhã.

•Sabes ? o amor aniquilou-me o peito,
Ceifou-me o coração atroz saudade.
Que resta hoje de Helena?—a febre horrivel
Os destroços fataes da enfermidade.

«E tu no mundo has de ficar saudoso
Sem luzes, sem amor, sem doce encanto...
Has de talvez chorar por noites longas
Sem ter ao menos quem te enxugue o pranto !»

E eu banhei-lhe com lagrimas os labios
E ella ouviu a sorrir minhas endechas...
Mas já não tinha sobre os hombros lisos
Sôltas á brisa as tremulas madeixas.

Quando o medico veio, afflicto e grave
De junto della me affastou veloz...
Desci chorando aquella escada triste. .
Eu já não ouvia mais sua doce voz !

A êsmo caminhei por entre as arvores
Despidas de verdor... Tudo era triste !...
—Oh Helena ! disse eu, mas tôrva a noite
Convulsa respondeu—já não existe !...—

—
E hoje ainda na sala abandonada
Brincam raios do sol das tardes frias...
Quando o bosque retoma o manto verde
Da viração perfuma as melodias.

E em noites doces sonhadora a lua
Triste inda beija os vidros da janella...
As brisas passam modulando canticos
Mas já não brincam nos cabellos *della* !...

Rio de Janeiro. 1868.

NA SALA

Quando ella entrou na sala e donairosa
Deixou sobre um divan pender o chaile,
Todos os olhos se voltaram, todos
Por vêr o encanto seu, por vêr seus modos
Quando ella entrou no baile.

Quando ella entrou na sala e de seus labios
Trinos saltaram de argentina falla
Na airosa saudação, todos tremeram !
Todos—vassallos seus—mudos jazeram
Quando ella entrou na sala !

Seu pé que me esmagou tinha os encantos
D'áurea phalena que ninguém beijou...
Pé que sonhára da revolta os hymnos,
Elle era a inspiração dos meus destinos
Seu pé que me esmagou !

Quando ella retirou-se, a sala inteira
N'um oceano de trevas mergulhou-se...
Gelou na orchestra o sensual lyrismo
E eu senti-me rolar por negro abysmo
Quando ella retirou-se !...

S. Paulo.

IGNOTA DEA

Oh ! bem vês que eu sonhei... Da noite os éccos
Inda repetem minhas vozes tristes !...
Se cantei foi por ti, se existo ainda
E' porque sei, meu anjo, qu' inda existes !

Minh' alma é como uma sagrada amphora
Onde guardo o meu lucido thesouro,
Dentro della rebenta um mar de affectos
Como irrompem dos céos os astros de ouro !

Tu que és a houri do timido propheta,
Tu que ao sol desta terra a fronte doiras,
Deixa que eu beije a flôr que um dia murcha
En vi cair de tuas tranças loiras.

Oh ! eu não quero despertar agora
Destas praias os éccos somnolentos...
Oh vagas que gemeis, tomáe meu canto !
Guardáe meu grito, ó perfumados ventos !

Lua gentil ! O' doce companheira
Das serenatas minhas, anjo triste !
Por *ella* eu só cantei, se existo ainda
E' porque sci, meu Deus, que *ella* inda existe !...

S. Paulo. 1870.

ADEUS A' PRIMAVERA

O' céu ! ó lindas flôres de dezembro !
Quente sol que osculaste a fronte minha,
Terno sussurro dos cerrados bosques,
Aprazível gorgueio da andorinha...

Oh ! talvez que amanhã não possa eu vêr-vos
Verdes montes de além, gentis balseiras !
Talvez não possa eu vêr da aurora o pranto
Argentando a ramagem das palmeiras.

E eu amo o doce aroma das florestas
E os beijos orvalhados do favonio...
O surdo arrulho do sabiá na selva,
E os matutinos cantos do camponio !

Lá sobre os alcantis de enormes séros
Já fulgura o pharol que o mundo aclara,
E além, qual bando de phantasmas pallidos,
Vão-se as nevoas que o sol afugentára.

Desperta a natureza entre perfumes
Qual depois do noivado a esposa linda,
Bem quando a rosea côr do santo pêjo
Por sobre o rosto seu perpassa ainda !...

O' puro, intenso sol da ardente qua'ira
A' cuja luz sonhei febril, perdido...
Amanhã já, talvez, eu triste bardo
Cáia em meio da estrada esmorecido.

O' aves do sertão ! Flôres dos campos,
Auras fagueiras que me dáes conforto !
Amanhã, ai ! talvez não possa eu vêr-vos
E apenas me vereis—romeiro morto !...

Mas se as brisas saudosas perguntarem
Porque tão cêdo o seu cantor finou-se,
Primavera do céu ! dizei ás brisas :
—«Morreu bebendo o meu perfume doce !...»—

S. Paulo. 1867.

PORPORA-O TROVADOR

(PAGINAS SOLTAS DE UM LIVRO NEGRO)

1

Ha muito labio tremulo que aspira...
Muita fronte incendiada que delira
 Meu Deus, sem luz do céu!
—Olhos pisados, requeimadas boccas,
Almas perdidas que resvalam loucas
 Na noite do escarcéo !...

• • • • •

A condessa era alva como um lyrio
 E amada como um Deus. Pórpura—o bardo
 Adorou-a e soffreu.
 Era um amor faminto, eterno, immenso,
 Amor como esse que vibrou nas fibras
 De Werther ou Romêo !

Fôra infeliz o moço. . Em hora aziaga
 Na febre das paixões banhando o peito
 Molhára a bocca em fel...
 Quiz chorar e não poude ! os labios soffregos
 —Borboletas de fogo—as azas rubras
 Queimou-as no bordel !

E' uma historia pequena : Um dia o louco
 Sentio que tinha um coração no peito
 E amou uma mulher...
 Indigente e orgulhoso como Chátterton
 Vio-a e tremeu talvez !... Nem fez-lhe mesmo
 Um pedido siquer !...

Cantou na solidão... chorou no exilio.
 Foi loucura, de certo ! Alma arrojada
 Quiz de illusões viver ..
 —O mundo é sempre o mundo—orgía immensa,
 O sangue é sempre fogo, e os labios—taças
 Do vinho do prazer !...

II

Era a noite fatal .. Noite das nupcias...
 A noite do saráo. Nadava a sala
 Em turbilhões de luz !

E as flôres rubras das volupias doces
 Perfumavam de febre as doidas notas
 Da orchestra que seduz !

Ella—a noiva feliz, Julietta pallida
 Tinha talvez na palpebra uma lagrima
 —O adeus para a illusão !
 Em quanto o altivo ceifador cruento
 No rescaldado coração guardava
 A serpe da paixão !

Meia noite gemeu. As luzes trémulas
 Nos candelabros ricos desmaiaram,
 A festa terminou...
 E a orchestra ardente em derradeiras notas
 Chorou talvez sobre a grinalda branca
 Da virgem que ficou !...

Depois... os sons do baile além... ao longe,
 E a saudade a gemer eterna e funda
 Seu cantico final...
 —A agonia de um beijo, o adeus de um sonho,
 Uma corôa virgem sobre um tumulo
 —O leito nupcial !

Um drama negro a resvalar nas trévas...
 Uma taça quebrada... um ai perdido
 No horror da solidão !
 —Nas calçadas da rua um homem pallido
 Morrendo de ciume,—o craneo em chammas,
 Rasgado o coração !...

Tedio ! tedio maldito ! oh ! eu te sinto
 Nesta febre cruel do abatimento
 Em que dorme a minh' alma ! Eu sinto, eu sinto
 Sangrar o coração...

Banha-me a fronte

De gelado suor as lentas góttas,
 E em transe extremo de fatal deliquio
 Já cerram-se-me as palpebras. Meu corpo
 Dobra-se á raiva de um cansaço enorme
 Como se dobra a parasita debil
 Ao latido infernal da tempestade !

.

Hontem a vi no baile...

—N'um corpo de alabastro—alma de fogo,
 N'um lampejo do olhar—a eternidade,
 Um oceano de amor naquelle peito,
 Nos labios um vulcão, n'um beijo a morte !

A turba palpitante

Na ousadia feroz de uma volupia
 Segredava-lhe em tórno... Eu pensativo
 Olhava indifferente... Ella sorria
 E passava ante mim, deixando a furto
 Junto á meus pés cair seu alvo lenço
 Depois de o ter chegado aos labios rubros...
 Eu a vi delirar... Veloz passava
 Outras vezes, no vórtice da walsa
 Deixando-me apoz, si a doce nuvem
 Dos perfumes do sandalo... e fugia
 —Aereolitho perdido em céo de chammas !...
 Talvez que houvesse ali naquella fronte

Um delirio de Izá... Talvez que os sonhos
Da candida Julieta revivessem
Para um pobre Roméo...

Oh ! ella tinha
Naquelle olhar vibrante um mundo em chammas,
E na alma a paixão, na frente a febre,
Nos labios um vulcão, n'um beijo a morte !

IV

Andava triste e pensativo o conde...
Sua esposa soffria... a enfermidade
Tinha um aspecto triste ; estava thysica
A pobre condessa. Ella votára
Amor occulto ao desgraçado Pórpora...
O dever entretanto—espectro horrivel,
Avalanche fatal que esmaga os craneos,
Detivera-lhe o passo...

A pobre Laura
Languida flôr de oriental perfume,
Não pode mais sorrir... seus sonhos todos
Debulhados em lagrimas rolaram
Por sobre as campas d'illusões finadas !
Desde então recebeu gelada e muda
As caricias do esposo... Nem um beijo
Lhe acordava a expansão adormecida !...
Muita vez em seu labio empallecido
O beijo conjugal rolou gelado
No afan do fingimento ! O pobre esposo
Muita vez apertou ao peito ardente
Uma estatua de neve .. e foi por isso
Que o nobre conde se tornou sombrio.
Um dia resoou triste a noticia
—A condessa morreu—. Foi grande a mágoa ;

Morrêra uma mulher sublime e pallida !...
 Alma de Fornarina! O pobre amante
 Junto do esquife negro da finada
 Foi visto um só momento. Estava calmo
 Como o Filho de Deus subindo ao Hôrto.
 Desde esse dia ninguem mais se lembra
 De o ter visto outra vez, ou pelo menos
 De o ter visto ao clarão da lampa ethérea.
 Quanto ao conde, é preciso aqui dizer-se
 Que o homem se tornou menos funéreo
 Morta que foi a esposa, pois murmuram
 Que o consorte ultrajado abreviára
 Da adúltera a existencia... O que eu affirmo
 E' que a pobre condessa soffreu muito.

NA TREVA

V

Mulheres puras que sonhaes ditosas
 No regaço do amor! Volvei medrosas
 Desta lauda a canção!
 Fluctúa aqui da «mancenilha» a sombra:
 Em baixo, lôdo e sangue por alfombra,
 Em cima—a maldição!

.
 Erguem-se os vultos lividos da orgia
 Ao clarão do bordel! Negra alegria
 Flammeja em tredas boccas!
 Treme da noite a magestade enorme
 Ao som do canto da phalange informe
 Das peregrinas loucas!

Vai o horrivel festim chegando ao térmo...
 Como o afflicto estorcer de um corpo enfermo
 Estorcem-se os convivas...
 —Homens sem luz, mulheres semi-núas,
 —Sérpes que saltam dos paúes da ruas
 Do crime ás chammas vivas !

Na rampa negra do salão medonho
 Passa um drama de horror... Talvez um sonho
 Ébrio de treva e sangue...
 Palpita a febre, e das Marcôs sem pejo
 Na trança sôlta vai perder-se o beijo
 Do Lovelace exangue !

Pende do tecto a lampada tremente...
 Transborda a espuma do champagne ardente
 Em taças crystalinas...
 E atrôa a noite, até que a aurora aponte
 As ruidosas canções de Anacreonte
 Em tórno ás Messalinas !

Ha mysterios ahi que causam mêdo...
 Terrivel conspirar... atroz segredo
 Nas trevas sepultados...
 Sêde de gôzo, abutres que farejam,
 Mulheres vis que infame mercadejam
 Os beijos conspurcados !...

Não ouvis ? Sobre o chão da infame arêna
 Grita o tripudio !... E' «Néro» quem ordena...
 Fervem craneos—vulcões !
 Folga a luxuria, em quanto os leões esquálidos
 Os labios banham deseccados, pallidos
 No charco das paixões !

Em pé, junto da mesa, horrivel .. tórvo,
 —Ave da escuridão, sangrento corvo,
 Pórpora insulta um Deus !
 Sinistro é o vulto seu... fatal, titaneo
 Seu olhar é um fuzil, vulcão seu craneo
 Cratéra—os labios seus !

Grupam-se em tórno ao dissoluto ousado
 As mórbidas mulheres que hão sonhado
 O gôzo dos seus beijos...
 Cravam-lhe olhares fulminantes... bellos...
 Beijam-lhe as mãos, affagam-lhe os cabellos,
 Acordam-lhe desejos !...

E o libertino impávido e faminto
 Mólha no oceano ardente de absintho
 Seu coração maldito...
 Pede a um peito sem alma uma vertigem,
 Sonha n'um seio infame—um seio virgem
 E affronta o céu n'um grito !

Pallido, em pé, cabellos desgrenhados,
 Tremenda a voz, olhares desvairados,
 —Cheio o cópo na mão,
 Pórpora ao som de gargalhadas doudas,
 Pendura aos labios as blasphemias todas
 Da mais atroz canção :

«Amar—é comprimir o peito em chammas
 Um peito de mulher...
 Desmaiar no segredo d'um suspiro
 Depois... depois morrer !

•Amar—é deixar ir rolando a alma
No abysmo do prazer...
E' banharmos a fronte em mar de gozos,
Depois... depois morrer !...

•E' dormir sobre um seio palpitante
Gozar e enlouquecer...
De uns labios bellos esfolhar as rosas,
Depois... depois morrer !...

«Amar—é vêrmos a donzella pallida
Amorosa a tremer...
Beijar-lhe as tranças do cabelo loiro,
Depois... depois morrer !...

•E' perceber tambem na fronte ardente
O vinho a refferver...
Sentir o sangue a galopar nas veias
Depois... depois morrer !...

«Amar—é sobre as flôres que embriagam
Perfumes mil beber...
Desmaiar de ciumes e de desejos,
Depois .. depois morrer !. .»

E um grito infrene do febril devasso
Rematou a canção ! Gemeu no espaço
Seu fundo respirar :
Quiz beber mais... não poude ! e blasphemando
Ao dar um passo resvalou rolando
No chão do lupanar !...

VI

Findou-se a noite!... O sol rubro se alteia!
A cidade desperta, o povo. . a ideia,
A vida... a confusão!
E a infamia dorme em lupanar escuro...
—Homens sem luz, mulheres sem futuro
—Reptis mordendo o chão!

Soam hymnos! na incúde bate o malho...
Segreda a orchestra immensa do trabalho
Aos filhos do porvir!
Meu Deus! porque deixaste os desgraçados
Na treva tropeçar, e desvairados
No abysmo atroz cair?

Ha destas fronte pallidas que aspiram,
Incendidas cratéras que deliram,
Senhor! sem luz do céu!
—Olhos pisados, requeimadas boccas,
Almas perdidas que resvalam loucas,
Na insania do escarcéo!...

Rio de Janeiro. 1868.

AVÈ MUSA

**Musa ! filha do sol do ideal ardente,
Doce visão das noites merencorias
Em cuja fronte divinal, fulgente
Scintillam beijos de radiantes glorias !
Rasga das trevas o sudario ingente,
Fita o clarão das perennae victorias
Que est'alma—onda de amor, garça dos mares
Sonha com Deus e se remonta aos ares !...**

Fresca rosa das candidas auras,
 Noiva fugaz dos eus doudejantes,
 Borboleta de amor que te enamoras
 Dos arreboes nos prismas cambiantes !
 Bem hajam essas lagrimas que choras,
 Bem hajam teus gemidos susurrantes
 Odalisca celeste, anjo que imperas
 Nos floridos coxins das primaveras.

Ergue essa fronte de fulgor banhada
 Mystica estrella dos parceis da vida !
 Por ti, sinto a minh'alma afervorada
 Adejar pela esphera esclarecida !
 No berço azul de uma illusão dourada,
 —Louca phalena a saltitar perdida—
 Eu tenho sêde... e tu és luz que inflamma,
 Dá-me um olhar... e eu beberei a chamma !...

O mundo ingrato nem sequer te afaga !
 Desdenha se te vê soffrendo altiva,
 E sobre a angustia da dorida chaga
 Cospe-te o fel da bacchanal lasciva !
 O mundo, o mundo com despezos paga
 Teus cantos festivaes, radiosa diva,
 E ao vêr-te triste no abandono... exulta
 Manchando-te inda ahí co'a phrase estulta !

E é triste vêr-te eterna peregrina,
 Tremer, quando expandir-te só quizeras
 N'amplidão aromada e purpurina
 Das ridentes manhãs de flóreas éras !
 E' triste vêr-te no oscillar da sina
 Sobre a tumba chorando das chiméras...
 Oh ! que não ha mais horrído tormento
 Do que a lucta da dôr e do talento !...

E' triste ouvir-te o brado de um desejo
 Que se perde no ar, gemendo triste,
 Como se perde o écco de um harpejo
 Nas trevas d'amplidão, se a mágoa existe!
 E' triste ouvir-te o brando rumorejo
 Sobre a terra onde o crime atroz persiste,
 Onde a louca vaidade, em negro cumulo,
 Lança a blasphemia a Deus, o escarneo ao tumulto!

Mas calque muito embora o vulgo ignaro
 Os teus trophéos, ó divinal rainha
 Que te ostentas radiosa em throno caro
 Predizendo o porvir que se avisinha...
 Irradia-te a fronte astro preclaro
 Como aquelle que em Deus fallar-nos vinha.
 Quando inda não zombava a vil torpeza
 De ti, sagrado bem da natureza!

Loira filha da luz do ideal humano,
 Astro dos seculos na extensão escura,
 Que importa que da inveja o odio insano
 Não te respeite além da sepultura?
 Deves erguer ao céu teu rosto ufano
 Que é lá que a gloria está que te fulgura...
 Por ti se arôma o ar, o sol dardeja,
 Soluça o mar e a brisa murmureja.

—

Embora filhos teus bem desditosos
 Fenecessem nas trevas do abandono...
 —Astros do azul celeste esplendorosos
 Desmaiados no chão do eterno somno
 Embora—lyrios bellos, perfumosos
 Tombassem nas manhãs do môrno outomno,
 —Do genio não se apaga a activa chamma,
 Crepíta eterna no crysol da fama.

Quantos na morte hei visto desbotados !
 —Aguias perdidas em festivo bando—
 —Hontem—craneos febris, predestinados
 —Hoje—no pó dos tumulos rolando !...
 Pelas noites dos seculos, pasmados
 Passam—pharóes por sobre o mar fluctuando—
 Na enxerga vil—Camões—aguia do espaço,
 Chénier na praça, na masmorra o Tasso !

E Azevedo, nas febres da descrença,
 —Titão enorme, oceano de talento—
 Beijando o gladio da fatal sentença
 Roja-se audaz no mar do sentimento !
 Da terra sacodindo a treva immensa
 Róla n'alfombra azul do firmamento
 —Raio de um sol de assustadora gloria,
 Lenda sem fim da universal historia !

Dirçêo—o doce genio do lyrismo—
 Soffrendo além as mágoas da saudade
 Pela audacia cruel do despotismo ;
 Lamartine, atirando á immensidade
 A epopeia eternal do mysticismo...
 E Hugô—condôr—fitando a eternidade,
 Sumam-se embora pelo oceano fundo...
 Seus nomes findaráõ, findando o mundo !...

Eu oiço ainda no rumor dos ventos,
 Nos bramidos da luta, os longos gritos
 Por essas noites de martyrios lentos
 Das almas incendidas dos precitos...
 Por entre a guerra atroz dos elementos
 Velozes passam—doidos aerolithos—
 —Byron convulso, Dante predizendo
 Milton sonhando, e Cháatterton gemendo !...—

Eu bem os vejo, sim, nos sonhos cálidos,
 Nas horas sepulchraes das prophcias,
 —Esparsas cômas, os semblantes pallidos
 Banhados do suor das agonias...
 E as turbas—reptis, vultos esqualidos,
 No tripudio infernal das alegrias,
 Erguem a cruz nos lôdos do proscenio...
 Um martyr cravam, mas resurge um genio !...

Salvè, musa gentil ! O céu da tarde
 —Leito que espera festival noivado—
 Ostenta donairoso em doce alarde
 Os tremulos setins do cortinado...
 Do sol do estio a luz palpita e arde,
 Surge em ondas de fogo o amor banhado,
 E dos anhelos ao variado tisne
 Canta, soluça, treme e expira o cysne.

Virgem da luz das zonas do Cruzeiro,
 Faz n'um sôpro trêmer as rubras flôres !
 Sobre o ondular de um carne derradeiro
 Ergue-te ao céu... mergulha-te em fulgores !
 Não vês ? além nas rêdes do jambeiro
 Modula o sabiá—rei dos cantores
 A brisa oscúla as verdejantes cômas
 E a lorangeira oscilla em mar de arômas.

O amor, a crença, a aspiração, a vida,
 Banham de luz a alfombra das campinas...
 Tremem suspiros de canção sentida
 Do manso lago em harpas crystalinas ;
 Ouve-se o canto da vestal querida,
 Bebe-se o amor em taças de bonin as,
 Une-se ao labio um labio incandescente
 E morre-se de amor n'um beijo ardente !...

Musa ! raio de um astro immenso e puro !
Doce visão das noites merencorias
Em cujos labios rubros o futuro
Doudeja em beijos de radiantes glorias !
Rompe das trevas o sudario escuro,
Fita o clarão das perennaes victorias
Que est'alma—onda de amor, garça dos mares
Sonha com Deus e se remonta aos ares !...

FIM

NOTA á pagina 159

* O meu distincto e illustrado amigo D.^r Joaquim Xavier da Silveira é um dos poetas mais inspirados desta bella terra do Brasil.

A razão de não estar espalhado seu nome por todos os angulos do Imperio, é facil: sobra-lhe em merito o que lhe fallece completamente em pedantesca audacia litteraria, qualidade essencialissima esta para galgar-se a posteridade, hoje.

Nunca vi esquivar-se ninguem com tanta abnegação ao esplendido clarão da gloria!

Quem folga muito com isto são as mediocridades que tomam de assalto esse clarão que lhes não pertence, e morrem em suas chammas como o bando idiota das maripósas do estio.

Aqui, do centro desta grande cidade onde escrevo estas linhas, contemplando o *zigue-zague* de nossas cousas litterarias, o abandono da poesia e os desmandos do theatro, imagino iniciadores de grandes e futuras reformas, e penso no nome do distincto poeta paulista.

Xavler da Silveira é uma grande alma, um amigo dedicado e um poeta de coração.

Eu nunca pude ouvir uma estrophe sua sem um estremecimento de enthusiasmo.

Nas cordas de sua lyra suave palpitam as melancolicas harmonias das scismas, e em sua fronte ha o abençoado palôr da febre da inspiração.

Eu tenho plena fé na esplendorosa surpresa que lhe reserva a justiça do futuro.

Amigo e profundo admirador do poeta, eu não poderia deixar de offertar-lhe esta mesquinha homenagem, como tambem não pude esquivar-me ao desejo de transcrever aqui esta sentidissima poesia com que o poeta me honrou.

Rio, 4 de Janeiro de 1871.

Eu sei que tudo acaba : a flôr definha,
As aves emmudecem, morre o dia,
Os fructos cáhem, a folhagem sécca,
Da morte a um sôpro a intelligencia esfria !

A infelicidade me rala os seios d'alma,
A fronte outr'ora erguida, já pende para o pó,
A dôr me vai matando—romeiro acabrunhado
—E' longo o meu caminho—e eu venho sempre só!

Senti da infancia ao sôpro um mundo d'esperança
Surgindo luminoso á prometter-me flôres,
E agora ao bafo ardente do sol da desventura
—Murcharam minhas crenças, ficou-me um mar de dôres !

Quem póde no deserto—bohemio do infortunio
Fitar os horisontes e não se entristecer ?
Ninguem ! porque o deserto é vago, immenso, vasto,
E faz o pensamento nas scismas se perder !

O fogo do martyrio me queima a mocidade,
E morre á flôr dos labios o riso em embryão;
Latejam-me as arterias—na febre dos tormentos
—O sangue é chamma ardente que abrasa o coração!

Embalde na sciencia procuro um lenitivo:
Desvia-se a attenção—captiva da desgraça!
Si busco uma esperanza nas raias do futuro:
Lá mesmo no infinito um vulto negro passa!

As vezes no silencio, de dôr estatelado
—O mundo me parece um cemiterio enorme,
Sem cruces, sem capella, coveiro—a noite escura,
Cadaver—a esperanza que para sempre dorme!

Maldita seja a sorte que quando nos esmaga
—Permitte que a razão conserve seu vigor,
E, facho acceso sempre—projecte claridade
—No fundo precipicio cavado pela dôr!

J. X. DA SILVEIRA.

INDICE

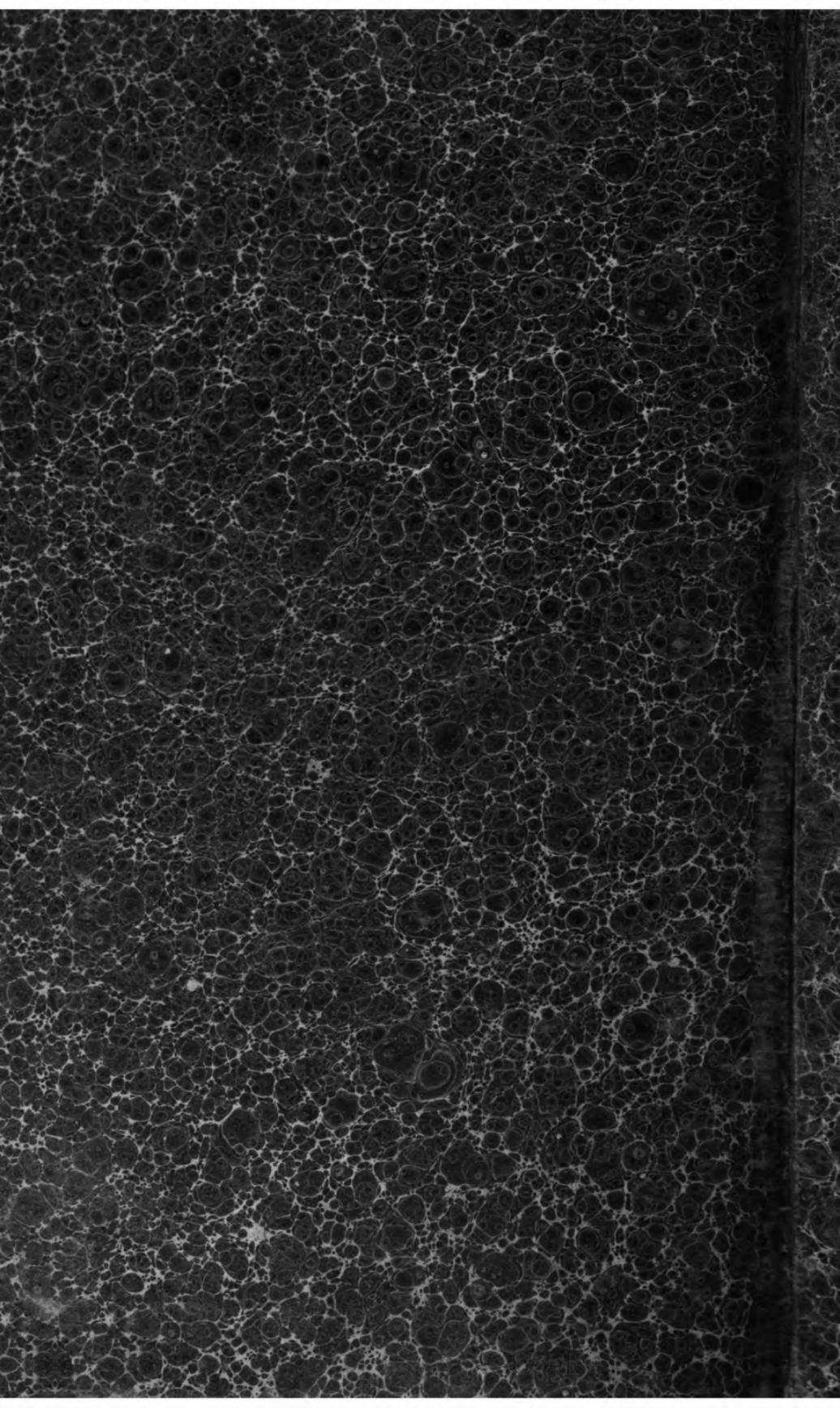
	PAGINAS
PRIMEIRA PARTE	
Rosas Loucas.....	13
Canto de amor	15
No templo.....	18
Quinze annos.....	22
Na estrada.....	25
Caprichos.....	27
Ciur.e.....	31
Saudade.....	34
Supplica.....	38
Harpejos.....	41
Threno	45
Sonhadora	47
Lagrimas ? !.....	49
Lembras-te ?.....	52
Entre véos.....	54
Adeus !.....	57
Luz !.....	61
Endechas.....	63
Teu nome	67
Lyra.....	70
Ultimo écco.....	72
SEGUNDA PARTE	
O genio	77
Minha alcova.....	81
Nuvem branca	84
Inverno.....	88
Vozes da mocidade.....	92
Nocturno	96

	PAGINAS
Noite ..	100
O mar ..	103
Phantasias á tarde ..	109
O baile das Mumias ..	113
A creança adormecida ..	119
Precito ..	125
Allégro ..	131
Luz e flôres ..	133

TERCEIRA PARTE

Agonias ..	141
Palavras ao vento ..	145
A' R... ..	148
Meditação ..	150
Se eu te amei? ..	152
Recordações ..	154
Lampejos ..	156
Sombras ..	159
A'	164
Vozes no êrmo ..	166
Canto do cysne ..	169
Lyra convulsa ..	172
Devaneios ..	175
Eu e ella ..	177
Horas de dôr ..	179
Helena ..	183
Na sala ..	189
Ignota Dea ..	191
Adeus á primavera ..	193
Pórpora—o trovador ..	195
Avè Musa ..	206

S. Paulo: 1871: Typographia do «CORREIO PAULISTANO»
de J. R. de A. Marques.





PQ9697
.F3835R99

**DO NOT REMOVE
SLIP FROM POCKET**

DEMCO

